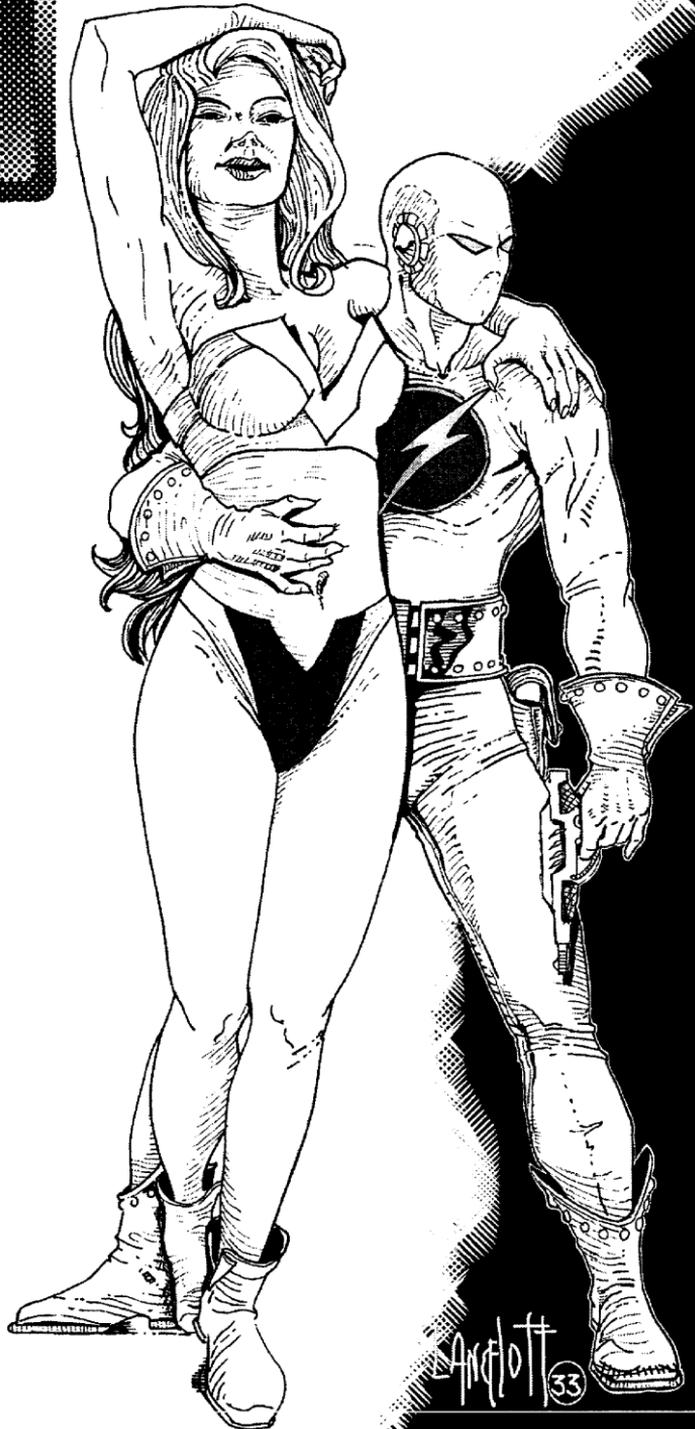


115



VELTA © EMIR RIBEIRO

MYLAR © ESTUDIO D'ARTE/EUGENIO COLONESE

LIQUIDAÇÃO DE REVISTAS – 6

Oferta de revistas e álbuns a preços muito baixos. O custo de envio está incluído no preço. O estado de conservação de cada edição está indicado, seguindo a convenção: (MB) – Muito Bom; (B) – Bom; (R) – Regular; (P) – Pêssimo. Cada edição ficará reservada ao primeiro que escrever encomendando-a. Após a confirmação, o interessado deve enviar o pagamento em vale postal ou cheque nominal a **EDGARD GUIMARÃES**.

Grandes Heróis Marvel (Abril) (B) 20 – R\$ 5,00 * **X-Men** (Abril) (R) 20 – R\$ 4,00 * **Homem-Aranha** (Abril) (R) 72 – R\$ 4,00 * **Demolidor Especial** (Abril) (B) 2 – R\$ 8,00 * **Clássicos Walt Disney** (Abril/1969) (R) 17 – R\$ 5,00 * **Espada Selvagem de Conan** (Abril) (B) 15, 21, 24, 31, 60, 84, 94, 107, 116, 134 – R\$ 5,00 c/ * **Espada Selvagem de Conan** (Abril) (R) 85, 86 – R\$ 4,00 c/ * **Espada Selvagem de Conan – Reedição** (Abril) (B) 15, 21 – R\$ 5,00 c/ * **Conan em Cores** (Abril) (B) 8, 10 – R\$ 5,00 c/ * **Conan Rei** (Abril) (B) 17, 23 – R\$ 5,00 c/ * **Conan Rei** (Abril) (P) 16 – R\$ 3,00 * **Proteus – O Universo em Perguntas e Respostas** (Abril) (R) – R\$ 4,00 * **Pateta Faz História – Galileu Galilei** (Abril) (R) – R\$ 5,00 * **Pateta Faz História – Leonardo da Vinci** (Abril) (R) – R\$ 5,00 * **Justiciero** (Abril) (B) 1, 7 – R\$ 5,00 c/ * **Storm** (Abril) (B) 7 – R\$ 5,00 * **Cartoon Network** (Abril) (B) 1, 3, 5 – R\$ 4,00 * **Marvel Século 21** (Abril) (B) 3 – R\$ 5,00 * **Comandos em Ação** (Abril) (B) 2, 3, 4 – R\$ 5,00 c/ * **Capitão América – Sentinela da Liberdade** (Abril) (R) 2 – R\$ 4,00 * **Audax** (Abril) (B) 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 – R\$ 5,00 c/ * **A Era dos Halley** (Abril) (B) 1 – R\$ 5,00 * **X-Men Premium** (Abril) (MB) 1 – R\$ 10,00 * **Batman** (Abril/form. americano) (B) 10, 24 – R\$ 5,00 * **Star Trek** (Abril) (B) 3 – R\$ 5,00 * **Conflito do Vietnã** (Abril) (B) 9, 10 – R\$ 5,00 c/ * **Roger Rabbit** (Abril) (B) 3 – R\$ 5,00 * **Festival Looney Tunes** (Abril) (MB) 4 – R\$ 5,00 * **Frajola e Piu-piu** (Abril) (MB) 4 – R\$ 5,00 * **Pernalonga e seus Amigos** (Abril) (MB) 4 – R\$ 5,00 * **Revista do Menino Maluquinho** (Abril) (MB) 5 – R\$ 5,00 * **Spawn** (Abril) (B) 58, 124, 144 – R\$ 5,00 c/ * **Simpsons** (Abril) (MB) 8, 11 – R\$ 5,00 c/ * **Witch** (Abril) (R) 32 – R\$ 4,00 * **Flash – Futuro Relâmpago** (Abril) (B) – R\$ 10,00 * **Change Kids** (Abril) (R) 2, 3 – R\$ 4,00 c/ * **Faustão** (Abril) (R) 1, 2 – R\$ 4,00 * **Heróis da TV** (Abril/Heróis Japoneses) (B) 1, 3, 4, 5, 7, 9, 10, 11, 12, 18 – R\$ 5,00 c/ * **Menino Maluquinho** (Abril) (B) 15, 34 – R\$ 5,00 c/ * **TV Colosso** (Abril) (B) 9 – R\$ 5,00 * **Aninha** (Nova Cultural) (B) 17 – R\$ 5,00 * **Sérgio Mallandro** (Abril) (B) 2, 7, 20 – R\$ 5,00 c/ * **Senninha** (Abril) (R) 25 – R\$ 4,00 * **Tom & Jerry** (Abril) (B) 19 – R\$ 5,00 * **HB Show** (Abril) (R) 3 – R\$ 4,00 * **Turma do Pererê** (Abril) (B) 2, 5, 6, 7, 9 – R\$ 5,00 c/ * **Gabola** (Abril) (B) 2 – R\$ 5,00 * **O Inspetor** (Abril) (P) 1 – R\$ 3,00 * **Patolino** (Abril) (R) 1 – R\$ 4,00 * **O Gordo e o Magro** (Abril) 10 (B) – R\$ 5,00 * **Pantera Cor-de-Rosa** (Abril) (P) 1 – R\$ 3,00 * **Mônica e Cebolinha Especial** (Abril/jan/1974) (R) – R\$ 10,00 * **Mônica e Cebolinha Especial** (Abril/jun/1974) (R) – R\$ 10,00.

QUADRINHOS INDEPENDENTES

Nº 115 MAIO/JUNHO DE 2012

Editor: Edgard Guimarães – edgard@ita.br
Rua Capitão Gomes, 168 – Brasópolis – MG – 37530-000.
Tiragem de 120 exemplares, impressão digital.

PREÇO DA ASSINATURA: R\$ 20,00

Assinatura anual correspondente aos n.ºs 113 a 118
Pagamento através de cheque nominal, selos, dinheiro
ou depósito para Edgard José de Faria Guimarães:

Caixa Econômica Federal – agência 1388
operação 001 – conta corrente 5836-1

O depósito pode ser feito em Casa Lotérica (só em dinheiro).

Envie, para meu controle, informações sobre o depósito:
dia, hora, cheque ou dinheiro, caixa automático ou lotérica.

ANÚNCIO NO “QI”

O anúncio para o “QI” deve vir pronto, e os preços são:

1 página (140x184mm):	R\$ 40,00
1/2 página (140x90mm):	R\$ 20,00
1/2 página (68x184mm):	R\$ 20,00
1/4 página (68x90mm):	R\$ 10,00
1/8 página (68x43mm):	R\$ 5,00

EDITORIAL

Mais um número com uma boa dose de textos. Além das colunas regulares ‘Mistérios do Coleccionismo’, ‘Mantendo Contato’, de Worney, e ‘Memória do Fanzine Brasileiro’, a presença de artigo de Henrique Magalhães, a reprodução de artigo sobre colecionadores enviado por Abelardo Souza, a divulgação de lançamentos de Sérgio Luiz Franque, e as estréias das novas colunas ‘Quadrinhos Brasileiros Bissexto’ e ‘Heróis Brasileiros’, esta motivada pela ilustração da capa, novamente uma colaboração de Lancelott.

Nos quadrinhos, duas HQs com Benjamin Peppe, criação de Paulo Miguel dos Anjos, nos traços de Dennis Oliveira e Thiago PHZ, além das tiras de Luiz Cláudio Lopes Faria.

As seções ‘Edições Independentes’ e ‘Fórum’ marcam presença, como de costume.

Boa leitura!



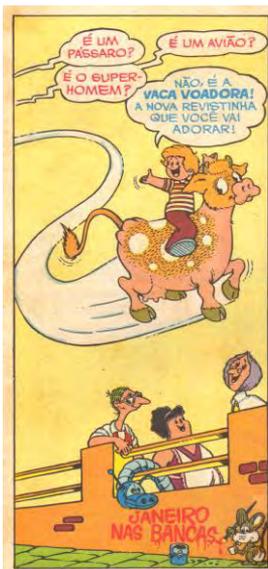
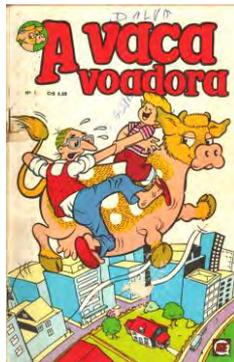
MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

Edgard Guimarães

Volta e meia os colecionadores, de gibis em particular, são assombrados pela notícia de que existe uma revista tal que saiu em circunstâncias tais e que só quem tem um exemplar é o Fulano de Tal. Maldição! O colecionador comum, o pobre coitado que tenta formar suas coleções comprando suas revistas dia-a-dia nas bancas e livrarias, que sustenta com sua constância todas as editoras do porvir e do já-vai-tarde, não merece isso. Nesta seção serão tratadas estas revistas que podem ou não realmente existir.

As grandes editoras brasileiras sempre sustentaram o grosso de sua publicação com base em histórias em quadrinhos importadas de outros países, em especial dos EUA. Mas a maioria delas, em vários momentos, sempre arriscou algum projeto de produção de quadrinhos de autores brasileiros. Com características diversas.

A Rio Gráfica e Editora teve sua origem na empresa jornalística O Globo, cujo início no ramo dos quadrinhos foi justamente dando um chapéu em Adolfo Aizen, tomando-lhe os direitos dos principais personagens norte-americanos da época. Ainda no final da década de 1950 e parte de 1960, a RGE publicou duas revistas com heróis nacionais com uma longevidade invejável, durando cada uma quase uma centena de números. Foram “As Aventuras do Anjo” e “Jerônimo, o Herói do Sertão”. Todos os dois heróis baseados em novelas radiofônicas. Esta é uma característica da maioria da produção (se não toda) da RGE: adaptar personagens já existentes em vez de criar personagens novos.



2006, houve novas séries baseadas no Sítio. Este Sítio é o criado por Monteiro Lobato para seus livros infanto-juvenis, mas a base das revistas da RGE foi a adaptação feita para o seriado da Rede Globo, mantendo a fórmula de apostar no certo.

Mas alguns meses antes de lançar a revista do Sítio, a RGE lançou outra revista nacional voltada para o público infantil, dessa vez baseada numa coleção de livros de bastante sucesso na época, a série da Vaca Voadora criada por Edy Lima. Várias revistas da RGE, como “Mortadelo e Salaminho”, “Flash Gordon” e “Fantasma”, em seus números de dezembro de 1976 e janeiro de 1977 anunciaram o lançamento de “A Vaca Amarela” para o dia 21 de janeiro. De fato, a revista foi lançada e durou 10 números mais um Almanaque em 1978. O primeiro número da revista trouxe na última página algo inusitado: os créditos da produção da revista com retratos e atribuições de cada um, algo muito raro em produção de estúdio. O texto era o seguinte: “Edy Lima criou; Sandra escreveu as histórias; Ambrósio fez a edição de arte e desenhou; Itamar curtiu tudo no lápis; Sardella finalizou tudo em nanquim, no estúdio de Histórias em Quadrinhos Nacionais da RGE”. Um lançamento muito bom, com histórias muito criativas.

O objetivo desse texto, no entanto, é mencionar outro anúncio que saiu em várias revistas na mesma época, entre elas “Mortadelo e Salaminho” 37, “Flash Gordon” 18, ambas de janeiro de 1977, e “Fantasma” 251 e 252, de janeiro e fevereiro de 1977. Este anúncio, no formato vertical, publicado na última página das revistas, ao lado do expediente, prometia para fevereiro a revista “Jôcomix”, estrelada por Jô Soares, que tinha programa humorístico na Rede Globo. A imagem ao lado é a única referência que tenho dessa revista. Imagino que não foi efetivamente lançada, pois nunca a encontrei para venda. Não sei os motivos para o não lançamento. Mas é quase certo que o estúdio da RGE deve ter produzido histórias do personagem. Onde estão?



Benjamin Peppe em: Dica de parkour para super-heróis da pesada!



OI, BENJAMINI! SOU O TITÂNIO DOS GUARDIÕES! BELEZA?!



FALA, TITÂNIO! TUDO LEGAL? PRAZER CONHECER VOCÊ!



RAPAZ, TÔ PRECISANDO DE UMAS DICAS DE PARKOUR! PERCEBI QUE VOCÊ MANDA BEM!



NA HORA, MEU JOVEM! É SÓ VOCÊ SE CONCENTRAR NO AMBIENTE AO REDOR E SE LIGAR NOS...



NÃO! NÃO! NESSA PARTE EU TÔ LIGADO! QUERO UMA DICA PRA NÃO DEIXAR ESSE RASTRO DEPOIS QUE EU PASSAR PRATICANDO O ESPORTE, ENTENDE? É QUE, ÀS VEZES, TIPO, UMA OU OUTRA COISA SAI ASSIM.

DENNIS

QUOCIENTE DE INTELIGÊNCIA NOS QUADRINHOS INDEPENDENTES

Henrique Magalhães

Resenha publicada no sítio www.marcadefantasia.com

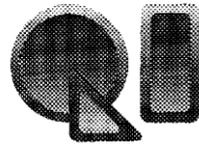
O “QI”, de Edgard Guimarães, chega ao número 114 e faz-nos lembrar que há mais de dois anos atingiu a emblemática centésima edição. As mudanças estruturais que ocorreriam na publicação, como tão especulado na época, afinal não aconteceram, o fanzine não sofreu nenhuma ruptura com a estrutura anterior, mas vem mudando gradualmente, deixando de ser, a cada número, uma revista de resenhas para ser uma publicação reflexiva.

Pegando o espírito do novo “QI”, vale uma reflexão: o fluxo produtivo dos fanzines impressos está em franco decréscimo ou sua escassez nas páginas dos fanzines seria uma das mudanças em seu projeto editorial, que abriu mais espaço para a opinião? Certamente ambas as respostas são afirmativas, visto a ascensão da comunicação instantânea proporcionada pela internet reduzir o ímpeto pela produção de fanzines, e o desejo do editor em transformá-lo num espaço de discussão.

Com isso ganham a revista e, principalmente, o leitor, que encontram no “QI” o espaço não só necessário para a reflexão sobre a arte, assim como um suspiro a compensar o foco cada vez mais raro sobre os quadrinhos nas publicações comerciais. Reiterando o que disse Roberto Hollanda na seção ‘Fórum’ dessa edição, a revista parece mais “confortável”, “onde você publica livremente, de forma mais solta, sem grandes patrulhas (não que houvesse censura, mas agora parece despretenso)”. Concordando com Hollanda, parece que agora Edgard se diverte mais editando o “QI”.

Essa sensação de prazer é o que se sente ao ler mais uma edição do fanzine, que sempre nos parece agradável e essencial. Nele Edgard se coloca de forma mais espontânea em textos que visam diversas abordagens sobre os quadrinhos, dos ‘Mistérios do Coleccionismo’ às reflexões sobre a arte, a exemplo do texto ‘Quadros em Sequência?’. Ponto também para os colaboradores e para os articulistas da seção ‘Fórum’, que mantêm viva e rica a publicação, com engajamento e participação, tão caros ao universo do fandom.

Outra particularidade que faz a riqueza do “QI” são as capas, que trazem a genialidade conceitual e gráfica do editor. Por outro lado, a republicação de seus desenhos remotos já comprova, de forma indicativa, esse domínio que ele esbanja hoje. O “QI” continua sendo um dos principais fanzines brasileiros, a demonstrar que com planejamento, força de vontade e uma boa dose de lirismo se pode fazer algo dialógico, despretenso e fundamental. Os quadrinhos agradecem.



114



POR QUE A JOANINHA DE PINTAS BRANCAS ESTÁ EM EXTINÇÃO?

O FIM DOS FANZINES

Edgard Guimarães

Antes de mais nada, tenho que agradecer às palavras gentis de Henrique Magalhães em relação ao “QI” e ao meu trabalho como editor e quadrinhista. Mas meu objetivo aqui não é a autopromoção. Somente.

Henrique tocou num ponto muito importante que merece discussão: o decréscimo da publicação de fanzines.

O assunto será tratado sob vários aspectos, mas antes é preciso fazer algumas observações. Eu normalmente uso o termo “fanzine” para designar qualquer tipo de publicação amadora. Mas neste texto acompanharei a conceituação usada por Henrique Magalhães, também utilizada por Worney A. Souza na definição das categorias do Prêmio Angelo Agostini. Fanzine, então, é somente a publicação amadora que traz informações sobre determinado assunto, no presente caso, sobre quadrinhos. A publicação amadora que traz histórias em quadrinhos produzidas pelos próprios editores e colaboradores fica denominada Revista Independente.

A questão levantada por Henrique no segundo parágrafo tem de fato as duas respostas que ele apresenta.

A reformulação do “QI” a partir do nº 101 teve como causa a adequação à realidade. E a realidade é que o número de leitores interessados pela publicação estava decrescendo. O “QI” chegou a ter tiragem de 700 exemplares, quando era distribuído gratuitamente. A medida que parte de seus custos começou a ser repassada para o leitor, estes foram diminuindo. Atualmente, com o sistema de assinatura, onde o leitor paga todo o custo de impressão e envio, a tiragem é pouco maior do que 100 exemplares. A consequência imediata disso é que parte dos editores independentes não acha mais vantajoso divulgar suas publicações no “QI”. Eu continuo adquirindo todas as edições independentes de que tenho notícia, mas divulgo no “QI” apenas aquelas que obtenho através do correio. As publicações que consigo adquirir de outras formas, comprando diretamente em eventos ou em livraria virtual, essas eu não divulgo, pois não estou certo de que o editor esteja disposto a atender pedidos pelo correio. Assim, não tem sentido informar o leitor sobre um título que ele não possa adquirir via postal.

Outra consequência negativa da reformulação é que o espaço dedicado a cada título diminuiu. Deixei de incluir na divulgação o texto informando o conteúdo de cada edição. Era um texto pequeno, mas útil. No entanto, mesmo pequeno, dava bastante trabalho produzi-los. Essa simplificação resultou, de fato, na diminuição do espaço total dedicado às edições independentes no “QI”.

No entanto, nunca houve, de minha parte, intenção de diminuir a característica de divulgação do “QI”, característica esta que motivou a criação do fanzine em 1992. O encolhimento da divulgação no “QI” decorreu de outras causas, já mencionadas, alheias à minha vontade. E importante: o aumento de textos analíticos e HQs no “QI” não foi responsável pela diminuição do espaço de divulgação.

É preciso salientar que, apesar de tudo, continuo divulgando tudo que recebo, por intercâmbio, por aquisição pelo correio, e considero que este espaço no “QI” ainda seja importante. E o número de edições divulgadas continua sendo expressivo, embora menor do que em outras épocas. Para quantificar a questão, vou considerar os 6 números do “QI” publicados em 2011 (“QI”s 107 a 112). Durante este ano foram divulgadas 283 edições, sendo 180 de quadrinhos e 103 de outros assuntos. Não é um número desprezível, embora significativamente menor do que o divulgado em outros tempos, quando uma edição do “QI” chegava a divulgar quase uma centena de edições de quadrinhos.

Como analisado, parte dessa diminuição se deve à queda de tiragem do “QI”. Mas é certo que parte deve ser por causa da diminuição do próprio número de títulos publicados. Este aspecto merece detalhamento.

A impressão que se tem é que há atualmente um número grande de edições independentes sendo produzido. E de fato isso ocorre. Um bom indicativo foi o número de edições independentes lançado na última edição do Festival Internacional de Quadrinhos em Belo Horizonte. Uma característica dessas edições é que são produções mais elaboradas, com qualidade gráfica melhor, o que permite que aspirem a sistemas de distribuição mais nobres, como a venda através de livrarias, reais ou virtuais. Essas edições, portanto, não cabem na divulgação que o “QI” faz. Estão num estágio em que o editor já está abrindo mão de fazer ele mesmo a distribuição, esta cabe agora aos distribuidores especializados. Portanto, há uma parcela da produção independente que não precisa da divulgação feita em fanzines, em particular no “QI”. Então, parte da diminuição do espaço de divulgação do “QI” está aí: edições independentes que já saíram do escopo de divulgação dos fanzines.

Até o momento, não se considerou na análise a influência da internet. Todas essas edições mencionadas são reais, publicações impressas. Embora haja muita gente que tenha optado por fazer publicações virtuais, para visualização direta no site ou na forma de arquivos para download, isso não fez diminuir a vontade de muitos de produzirem revistas e livros impressos. Tanto que esta produção é bastante grande atualmente.

Em relação à divulgação dessas publicações impressas, é bastante provável que os editores busquem divulgá-las na internet prioritariamente, devido ao baixo custo. É muito barato enviar releases para os sites e blogs de quadrinhos. Embora não se saiba ainda sobre a eficácia disso. Os frequentadores de sites e blogs efetivamente compram as edições divulgadas? De qualquer forma, o fato dos editores darem preferência à divulgação virtual não tem maior influência na divulgação feita no “QI”, são duas coisas independentes. As edições divulgadas no “QI” são as edições que adquiero ou faço intercâmbio, portanto, serão divulgadas mesmo que não tenha sido este o propósito do editor.

Agora vem a questão principal: dessas edições independentes de quadrinhos produzidas atualmente em grande escala, quais são Revistas Independentes e quais são Fanzines, seguindo a diferenciação feita por Henrique e Worney?

Aqui, sim, há uma mudança bastante brusca, que eu não havia me dado conta, cuja ficha só foi cair quando fui preencher a cédula para votação do Angelo Agostini no começo do ano. Ao consultar os números do “QI” de 2011, constatei que o número de Fanzines publicados é assustadoramente baixo. Das 180 edições de quadrinhos divulgadas no “QI” em 2011, 167 são Revistas Independentes e apenas 13 são Fanzines. Praticamente os Fanzines se resumem aos números de “Mocinhos & Bandidos” publicados com regularidade, e aos títulos de José Magnago encabeçados por “O Castelo de Recordações”. No começo do ano saiu ainda um número do “Portal Zine” e no final do ano novo número de “O Quero-Quero”. E de modo geral, estes fanzines não são exclusivos sobre quadrinhos.

Então, sim, os Fanzines estão no fim! E a explicação é que montar um blog parece muito mais prático e barato do que fazer uma publicação impressa sobre quadrinhos. Para a finalidade de informar o leitor sobre lançamentos, parece claro que os blogs e sites são mais eficientes. Para os textos mais analíticos, já não tenho certeza. Minha impressão, e eu já havia falado isso, no começo de 2011, em meu depoimento para o Márcio Sno incluído no documentário “Fanzineiros do Século Passado”, é que os Fanzines que sobreviverem serão os que aprofundarem questões relevantes sobre os quadrinhos, os que se tornarem “quase livros” como o “Top! Top!” de Henrique Magalhães. E ainda os que se mantêm como dossiês sobre algum assunto como “O Castelo de Recordações” e “O Quero-Quero”. E certamente as opções para voto na categoria ‘Fanzine’ no Angelo Agostini continuarão restritas.

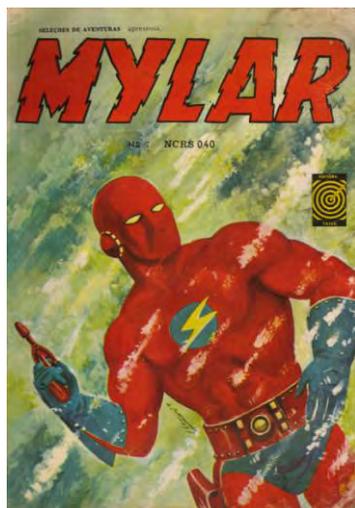
HERÓIS BRASILEIROS

MYLAR

Edgard Guimarães

Apanhado de informações colhidas em “O Mundo dos Quadrinhos” e “Esses Incríveis Heróis de Papel” de Ionaldo Cavalcanti, “Fã-Zine” 18 de Eduardo Cimó, “A Saga dos Super-Heróis Brasileiros” de Roberto Guedes e artigos de Antônio Luiz Ribeiro.

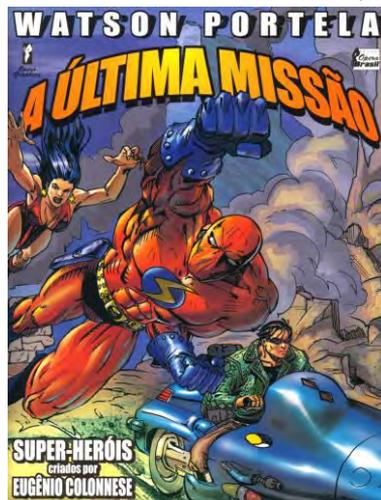
Mylar foi criado por Eugênio Colonnese com os roteiros a cargo de Luis (Meri) Quevedo. Mylar, o Homem Mistério, veio de outro planeta em um disco voador, que é também seu laboratório, e pousou nos penhascos da Ilha de Fernando de Noronha. Sua missão era fazer pesquisa e observações na Terra e demonstrar aos terrestres os benefícios da união e a justiça para o desenvolvimento de um povo. Mylar havia visitado outros planetas semelhantes à Terra, destruídos totalmente por guerras. Essa história se passa um ano após a Crise dos Mísseis em Cuba e estava no ar o receio de um conflito mundial em bases nucleares. O herói não tem nenhum superpoder, apenas o “cinturão atômico”, que lhe dava várias habilidades como a capacidade de voar. O uniforme de Mylar, vermelho com um raio no peito, lembrava o Flash americano, mas certamente a base do personagem foi o Fantasma, um dos heróis que mais influenciou autores no mundo todo. Tanto que Mylar também tinha a característica de nunca mostrar o rosto ao leitor.



Segundo várias fontes, a época, meados da década de 1960, estava bastante propícia para os super-heróis, com destaque para o lançamento dos heróis Marvel pela Ebal. Assim, as pequenas editoras, que publicavam autores nacionais, viram a oportunidade de lançar heróis brasileiros nos moldes dos americanos que faziam sucesso. A diretriz é que tivessem uniformes chamativos e poderes excepcionais. Mylar surgiu nessa leva, mas, como visto, a influência de heróis como o Fantasma era muito forte e o personagem acabou sendo criado sem os exageros dos congêneres americanos. Tem sua origem extra-terrestre, mas seus poderes vêm de fontes artificiais, mantendo uma certa fidelidade com a ficção científica mais clássica. A aventura publicada no número 7 da revista usa o recurso dos “flocos mortais” lançados sobre a terra, influência da obra de Oesterheld e Solano Lopez publicada na Argentina em 1957 e recentemente lançada no Brasil, “O Eternauta”.

A revista de Mylar foi lançada em maio de 1967, pela editora Taika, e durou oito números. Ao contrário de outros heróis brasileiros da época, as revistas de Mylar são muito difíceis de encontrar. O que é um pouco estranho, pois as tiragens da época, mesmo as das revistas das pequenas editoras, não eram baixas, ultrapassavam a casa da dezena de milhar. Segundo Franco de Rosa, Colonnese declarou que a revista de Mylar vendia muito bem e só parou porque o autor deixou de produzi-la. Colonnese deixou de colaborar com a editora Taika pois o editor se recusava a devolver seus originais. Consta que esses originais foram perdidos durante uma enchente.

Em 1991, o Cluq publicou uma edição especial de Mylar, republicando a primeira aventura. E em 2001 a Opera Graphica publicou o álbum “A Última Missão”, produzido por Watson Portela com vários heróis criados por Colonnese, com destaque para Mylar.



WALLECE, PING PONG E BENJAMIN

Tuizoo
PHZ



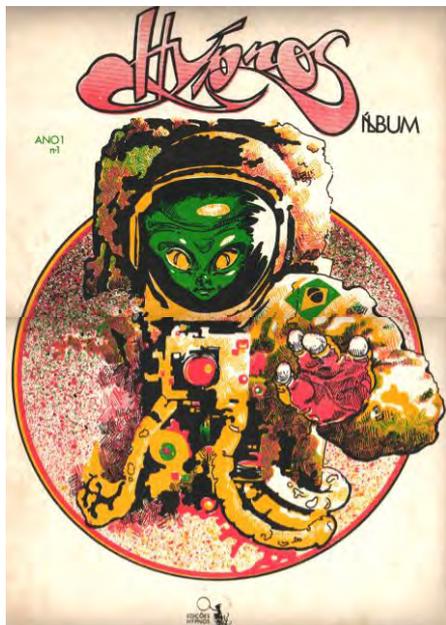
QUADRINHOS BRASILEIROS BISSEXTOS

HYPNOS

Edgard Guimarães

A publicação de HQs no Brasil, apesar de tudo, é muito rica e sempre se encontram exemplos admiráveis. Esta coluna fará o registro de algumas dessas edições inusitadas, quase sempre de circulação restrita.

Numa das vezes em que fui à Livraria Muito Prazer, em São Paulo, para comprar os álbuns e livros de quadrinhos que não tinham distribuição fácil, vi na última prateleira, inacessível sem o uso de escada, uma capa que me chamou a atenção. Perguntei ao Walter se estava à venda, ele pegou a edição, falou o preço e não perdi a oportunidade.



Trata-se de um álbum de quadrinhos publicado em dezembro de 1986, no tamanho não usual de 325x475mm, 16 páginas, capa colorida, com o título “Hypnos Álbum”, os dizeres ‘Edições Hypnos’ na parte inferior da capa e as indicações ‘Ano 1 nº 1’. A 4ª capa tem um anúncio da empresa Hypnos Criação & Serigrafia, sediada em Brasília, especializada em Arte final, Cartões, Camisetas, Adesivos, promocionais e personalizados, e Programação Visual.

O álbum contém 2 HQs produzidas por Martius, a primeira, ‘Um Gene Infinito’, de 8 páginas, com texto de Túlio Americano, e a segunda, ‘Árvore da Grande Paz’, de 4 páginas, sobre um poema iroquês. O desenho de Martius é muito caprichado, a impressão é excelente e o papel de ótima qualidade. Além disso, a edição traz um pôster com o dobro do tamanho do álbum, contendo mais uma HQ e o calendário para 1987. O tamanho das páginas é bem aproveitado com desenhos bem detalhados que dá ao leitor uma sensação estranha para olhos educados no formatinho.

Como mencionado, a segunda HQ tem como texto um poema iroquês bastante conhecido em que o autor indígena clama para que os homens enterrem suas armas e vivam em paz. No entanto, a HQ não se limita a ilustrar o poema, parte do tema e constrói uma narrativa própria, bem desenvolvida e criativa. A primeira HQ também é muito instigante, mas segue uma linha mais hermética, principalmente no texto das legendas. Parece óbvia a influência dos “hurlants”, Moebius e Druillet à frente. Apesar desse hermetismo, de passagens meio obscuras, de uma certa afetação nos textos (“surge como semente de cósmica vida fluindo de mágica forma”) e de certas referências muito explícitas (como a nave na forma de duas pirâmides entrelaçadas vista no “Incal” de Jodorowsky e Moebius), os autores acertam em dar o tom brasileiro a uma ficção científica de temática universal. O palco do drama se desloca das paisagens cósmicas para as paisagens rurais brasileiras, a casa de caboclo, o casal que vive isolado no sertão, com suas crenças e medos.

Um ótimo trabalho, em todos os aspectos, as HQs em si, a escolha do formato, a edição de qualidade. Nunca vi outro trabalho do autor Martius, o que é uma pena.



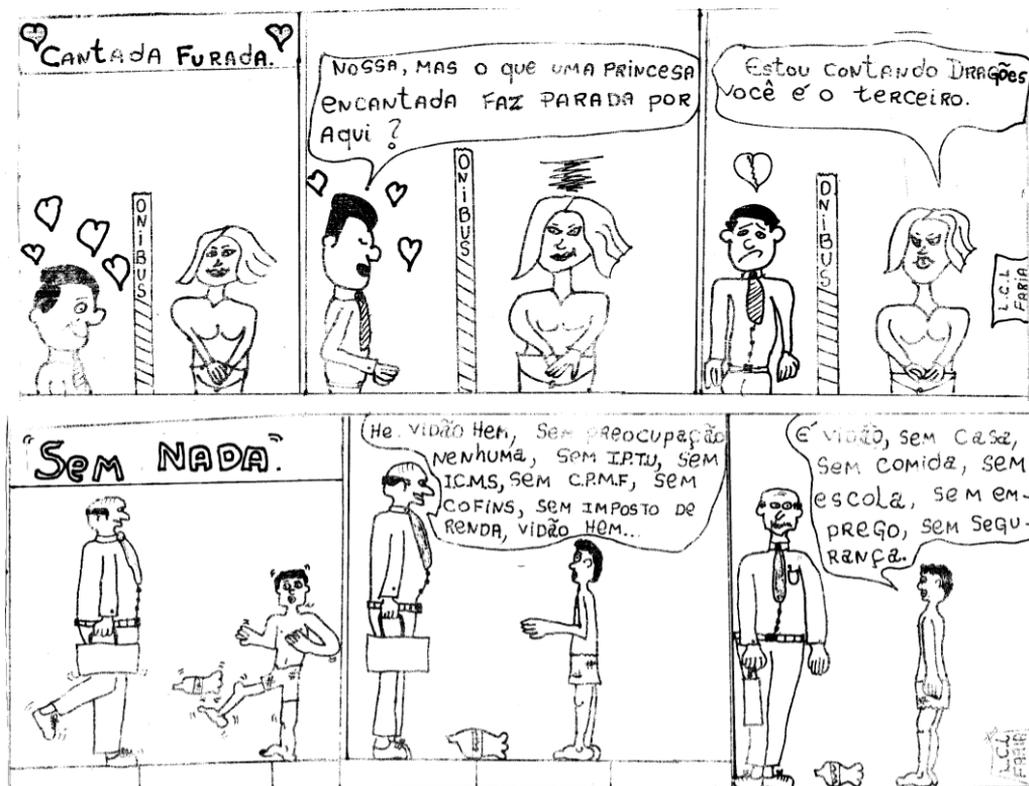
2º ANUÁRIO DE FANZINES, ZINES E PUBLICAÇÕES ALTERNATIVAS

Tiragem limitada!
Apenas 300 cópias!

- 165 resenhas e contatos de publicações brasileiras e sul-americanas;
- Entrevistas com editores e autores;
- Os fanzines nas bibliotecas e nas salas de aula: um apanhado sobre os livros e filmes que abordam o universo zinístico;
- Os fanzines invadem as universidades: conheça o trabalho de pessoas que estão pesquisando os fanzines no meio acadêmico;
- Pequeno guia de eventos zinísticos: saiba quando, como e aonde levar suas publicações;
- Transformando velhas caixas de papel em um lugar chamado zineteca: Fernanda Meirelles fala sobre os fanzines como patrimônio material e imaterial.



R\$15 + postagem. Pedidos: ugra.press@gmail.com



Tiras de Luiz Cláudio Lopes Faria

COLEÇÕES REÚNEM ATÉ 30 MIL REVISTAS

Antônio Barros

Reportagem publicada no jornal "O Dia" em 14/4/1989, enviada por Abelardo Souza

Eles já são adultos, mas fazem qualquer coisa por um gibi, especialmente se for uma das raridades do passado. Apaixonados por Mandrake, Fantasma, Batman, Dick Tracy, Super-Homem e outros, eles são uns dos maiores colecionadores de histórias em quadrinhos do estado. Suas coleções valem fortunas e são cobiçadas por muitos aficionados que vêm em peregrinação à Baixada Fluminense garimpar preciosidades. Um deles é o professor Abelardo de Souza, de 53 anos, que mantém em sua casa, em Mesquita, Nova Iguaçu, mais de 30 mil revistas. O outro é o despachante da Prefeitura do Município, Jorge Kafka, dono de um acervo de 10 mil exemplares.

O status, porém, não faz a cabeça dos dois colecionadores, que preferem manter em segredo seus endereços. "Gibi só tem valor para os colecionadores. Para o leigo é papel velho", explica o professor Abelardo de Souza. Ele teme a divulgação dos preços de mercado, pois, a seu ver, os especuladores acabam por generalizar uma valorização, que é privilégio de pouquíssimas revistas raras e em ótimo estado de conservação. "O prazer não é o dinheiro", comenta ele.

A coleção de Abelardo de Souza está distribuída em vários pontos da casa. Para a parte mais valiosa, ele reservou um pequeno cômodo, que está sendo ampliado, onde as milhares de revistas foram alojadas em estantes que vão do chão até o teto. Além dos gibis, o professor ainda consegue tempo e espaço para acomodar também em casa a coleção completa dos antigos "Jornal da Televisão" e "Caderno D" – este ainda em formato tablóide – de "O Dia", além de álbuns de figurinhas, revistas nacionais e estrangeiras e quadros pintados por ele próprio.

Entre as preciosidades está a primeira publicação no Brasil de "Tarzan – O Filho das Selvas", editado em 1934 pela Ebal; as antigas "O Gury", "Gibi Mensal", "Globo Juvenil", "Xuxá", "Tico-Tico", "Detective", todos os super-heróis, toda a obra de Ziraldo e milhares de outras produções que convivem com as modernas "Heavy Metal" e Maurício de Souza.

A mania de Abelardo, que começou a colecionar gibis quando tinha 14 anos, passou para os filhos, o engenheiro Fernando e o professor Flávio. Hoje a coleção mobiliza toda a família, que por mês compra em média 50 revistas novas, sem contar as americanas, e 150 usadas.

HERÓIS CHEGARAM AO BRASIL PELA EBAL

O grande herói brasileiro da história em quadrinhos chama-se Adolfo Aizen, hoje com 82 anos. Através de sua Editora Ebal, fundada em 1945, ele foi o responsável pelo lançamento no mercado nacional de dezenas de heróis, como Flash Gordon, Tarzan, Super-Homem, Batman, Capitão Marvel e tantos outros, que em décadas passadas fizeram a alegria dos pais de hoje.

O mercado, entretanto, não vive de nostalgia. Derrotadas fragorosamente pelos novos poderes de Jaspion, Changeman e Xuxa, as velhas aventuras não atraem mais as crianças. A Ebal sentiu isso na própria pele. Há 2 anos, a editora fez o relançamento de álbuns de Flash Gordon, Príncipe Valente e mais uma série de gibis, "Aí, Mocinho".

"Não fomos felizes", diz o diretor superintendente da empresa, Paulo Adolfo. Segundo ele, os aficionados pelas velhas aventuras se restringem, atualmente, a um círculo pequeno de leitores e de hábitos bem exigentes. Para atender a esse grupo sofisticado, a Ebal lançou este ano o álbum número 7 das aventuras do Príncipe Valente, e seis volumes das primeiras histórias de Tarzan publicadas entre 1934 e 1935, em coprodução com a editora portuguesa Futura.

Encadernado com capa dura, o álbum do Príncipe Valente foi editado no formato dos antigos suplementos dominicais. Já os volumes das aventuras de Tarzan foram produzidos em capa cartonada, e os quadrinhos são em preto e branco. As duas obras somente estão à venda nas livrarias.

Os curiosos e estudiosos do assunto podem também visitar o Museu dos Quadrinhos, que Adolfo Aizen instalou no prédio da Ebal, na Rua General Almérico de Moura, 302, em frente ao campo do Vasco da Gama. São cerca de 34 mil revistas, algumas valendo peso de ouro, como o número 1 da revista "Tico-Tico", a primeira publicação infantil editada no Brasil, em 1905, e o primeiro Super-homem americano.

BOAS OBRAS SE CONTRAPÕEM À VIOLÊNCIA

A grande luta dos colecionadores de gibis hoje é no sentido de que as pessoas percam o preconceito de gostarem de revistas em quadrinhos, e passem a utilizá-las como material didático nas escolas. "Afinal", argumenta Jorge Kafka, "Picasso, Felini, Rui Barbosa e várias outras personalidades sempre gostaram de ler gibis, e nem por isso ficaram menos inteligentes".

Para Kafka, o quadrinho hoje tem resgatado ante o público o seu real valor. "Basta apenas um pouco mais de divulgação", assegura ele, acentuando a preocupação de apagar a ainda renitente imagem negativa dos quadrinhos, que se arrasta desde as décadas passadas.

O professor Abelardo de Souza ainda guarda as lembranças das surras que levou, por causa da mania de ler gibis. "Meus pais não gostavam e diziam que aquilo era uma leitura perniciosa, que iria me levar ao crime", lembra ao afirmar que em suas aulas incentiva os alunos a cultivarem o hábito.

"O quadrinho é uma arte de lazer, e as boas obras são uma contraposição à violência exibida hoje em dia pelos canais de televisão", defende Jorge Kafka, que garante que começou a pegar o gosto pela leitura, quando a mãe, que era professora, lhe trazia toda a semana a revista do Tio Patinhas.

LANÇAMENTOS SÉRGIO LUIZ FRANQUE

Sérgio Luiz Franque faz dezenas de lançamentos e apresenta uma ampla relação de suas publicações.

Almanaque de Tarzan – estão prontos os almanaques de 1945 a 2012 – R\$ 60,00 cada.

Coleção **Tarzan** mensal – coleção completa do número 1 ao 25 – R\$ 30,00 cada.

Revista **Cowboy do Cinema** – números 1 a 10 – R\$ 30,00 cada.

Revista **Cowboy Valente** – números 1 a 10 – R\$ 30,00 cada.

Almanaques de Faroeste – **Roy Rogers** 1951 e 1952 – **Rocky Lane** 1953 e 1954 – **Aí, Mocinho!** 1952 – **Campeões do Oeste** 1956 e 1960 – **Tim Holt** 1954 – **Monte Hale** 1956 – **Cheyenne** 1971 – **Gunsmoke** 1970 – **Pioneiros** 1971 – **Homem do Rifle** 1971 – **Paladino do Oeste** 1971 – **Tim Relâmpago** 1970 – **Cisco Kid** 1955 – **Tex Ritter** 1955 – **Don Chicote** 1955 – **Rex Allen** 1952 – **Gene Autry** 1953 – **Johnny Mack Brown** 1953 – **Bill Elliott** 1954 – **Buck Jones** 1950 – **Ken Maynard** 1952 – **Hopalong Cassidy** 1955 – **Kit Carson** 1957 – **Ringo Kid** 1956 – **Apache Kid** 1956 – **Cavaleiro Solitário** 1958 – **Durango Kid** 1952 – R\$ 60,00 cada.

Tarzan Especial – **As Várias Faces de Tarzan** – R\$ 30,00.

Tarzan Especial – **O Legado de Tarzan** – R\$ 30,00.

Os acabamentos gráficos das publicações são comparáveis aos dos almanaques que a Ebal e a RGE publicavam na década de cinquenta.

Promocão especial: na compra de 10 unidades leva 1 grátis, à escolha do comprador.

O grande lançamento deste ano são os **Álbuns de Tarzan**. São álbuns de incomparável qualidade gráfica, encadernação bem feita, sem soltar as páginas, impressão em preto e branco, capa colorida plastificada, com 100 páginas ou mais. As capas e contracapas têm ilustrações de Joe Jusko e Boris Valejo. Esta nova coleção traz as histórias originais de Edgar Rice Burroughs quadrinizadas por grandes artistas – R\$ 70,00 cada, com preço promocional de R\$ 60,00 para leitores do “QI”.

Relação dos álbuns:

Nº 1 – **Tarzan O Filho das Selvas** – Burne Hogarth.

Nº 2 – **A Origem de Tarzan** – Joe Kubert.

Nº 3 – **A Volta de Tarzan** – Joe Kubert.

Nº 4 – **Contos Selvagens de Tarzan** – Burne Hogarth.

Nº 5 – **Contos das Selvas de Tarzan** – Alberto Giolitti.

Nº 6 – **Tarzan e as Joias de Opar** – Russ Manning.

Nº 7 – **As Feras de Tarzan** – **O Filho de Tarzan** – Russ Manning.

Nº 8 – **Tarzan O Destemido** – Rudy Florese.

Nº 9 – **Tarzan no Centro da Terra** – **Tarzan O Invencível** – Doug Wildey.

Nº 10 – **Tarzan, O Império Perdido** – **Tarzan e a Legião Estrangeira** – **O Pesadelo de Tarzan** – Paul Norris e Joe Kubert.

Nº 11 – **Tarzan O Terrível** – **Tarzan e o Leão de Ouro** – **Tarzan e os Homens Formigas** – Russ Manning.

Nº 12 – **Tarzan e a Cidade de Ouro** – **O Triunfo de Tarzan** – Doug Wildey.

Nº 13 – **Tarzan e o Homem-Leão** – **Tarzan Capturado** – Joe Kubert.

Nº 14 – **Os Gêmeos de Tarzan** – **Tarzan O Destemido** – **Balu dos Macacos** – Mike Royer, Russ Manning e Joe Kubert.

Nº 15 – **Tarzan e os Naufragos** – **Tarzan e a Cidade Proibida** – Frank Reyes e Paul Norris.
(a serem publicados em 2012)

Nº 16 – **Tarzan** – várias aventuras de Jesse Marsh.

Nº 17 – **Tarzan** – três aventuras de Bob Lubbers.

Nº 18 – **Tarzan** – três aventuras de John Celardo.

Nº 19 – **Tarzan e os Vikings** – **Tarzan no Vale do Sepulcro** – Hal Foster e Russ Manning.

Nº 20 – **Tarzan e a Expedição Perdida** – **Tarzan e o Templo dos Homens-Animais** – **Tarzan e os Tambores da Morte** – Torre Grossa, Russ Manning e Frank Reyes.

Nº 21 – **Greystoke A Lenda de Tarzan** – Dan Spiegel.

Nº 22 – **Tarzan e o Massacre dos Inocentes** – Brocal Remohi.

Nº 23 – **Tarzan versus Predador** – Lee Weeks.

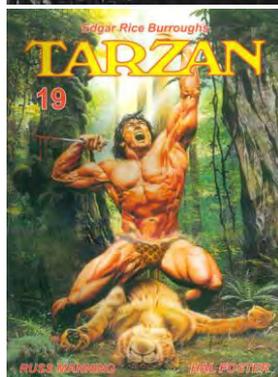
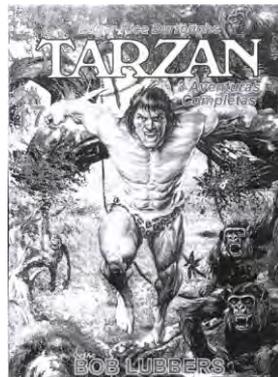
Nº 24 – **Tarzan versus Batman** – Igor Kordey.

Nº 25 – **O Legado de Tarzan** – **As Várias Faces de Tarzan** – Sérgio Luiz Franque.

Promocão especial: na compra de 10 números, leva 1 grátis; na compra de 15 números, leva os nºs 16 e 17 grátis.

Os pedidos podem ser feitos para:

Sérgio Luiz Franque – R. Cesar Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.



FÓRUM

GASPAR ELI SEVERINO

R. João Voss Júnior, 66 – Brusque – SC – 88350-685

Gosto de ‘Mistérios do Colecionismo’ e as novas matérias constituem quadro muito interessante para quem, como nós leitores, procuramos boa leitura, difícil de encontrar, a não ser na literatura do ramo. Gostei de ver as notícias do 28º Angelo Agostini. Mereceu o vídeo ‘Ao Mestre com Carinho’ do Baraldi, dedicado ao Rodolfo Zalla. Notei que modificou o time de ganhadores do troféu, o que é muito bom e incentiva os novos participantes. Renovar é muito animador para todos, premiados, participantes, leitores e homenageados. A homenagem da professora de Estrutura da E. E. Major J. Pereira, de Itajubá, MG, às alunas do Curso de Magistério, desperta antigas lembranças a todos nós que estudamos nas décadas de setenta para trás. Tempos bons, cativantes, que não voltam mais.

DENILSON ROSA DOS REIS

R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380

Fiquei muito feliz e confesso que até emocionado por ver meu trabalho no universo dos fanzines em destaque na coluna ‘Memória do Fanzine Brasileiro’. Você fez uma ótima retrospectiva do meu trabalho, um verdadeiro catálogo de tudo que produzi nestes 25 anos de fanedição. Muito obrigado por destacar meu trabalho nesta coluna de importância ímpar para o Universo dos Fanzines do Brasil.

LARÍ FRANCESCHETTO

R. João L. Carvalho, 98 – Veranópolis – RS – 95330-000

O “QI” 114 faz eco por aqui, com atenção e prazer, em nome da causa que nos faz, há tempos, luta, trabalho e doação, parceiros. Muito grato pelo intercâmbio, exemplar do “QI” e pela nota na seção ‘Fórum’. Nos próximos dias farei cirurgia, referindo-me à lesão na boca. Tenho fé de recuperar minha saúde, pois em 50 anos de vida, nunca havia ficado doente. Gostei de ver meu amigo-correspondente Denilson Rosa dos Reis em bela e ampla matéria. Ele, também, é um batalhador em nome da causa.

ALEX VERONEZ

R. Dr. Pedro Raimundo, 329 – São Carlos – SP – 13575-470

É com prazer que estou lhe enviando uma cópia do fanzine “Senpaku”, primeiro zine produzido totalmente por mim. Já havia participado de um zine coletivo (o “Gráficoômetro Ilustrado”), onde tinha apenas enviado minhas ilustrações. Desenhar, diagramar, revisar, são tarefas cansativas, mas que trazem uma grande satisfação ao ver o material pronto nas mãos. Além dos quadrinhos, o zine conta com um artigo, ‘O Que é Fanzine?’, extraído do seu livro “Fanzine”, com os créditos devidamente citados. Aprendi bastante com esse livro e como gostaria de explicar ao leitor sobre fanzines, não pensei em uma definição melhor que esta. Gostaria de divulgar meu fanzine no “QI”, não sei ao certo como está funcionando agora. Estou enviando apenas a edição, se precisar de algo, ou tiver alguma coisa errada, por favor, me corrija.

Nas páginas 5 e 6 deste número do “QI” há um artigo onde analiso, entre outras coisas, a questão da divulgação de fanzines, inclusive no “QI”. Resumidamente, continuo divulgando todos os fanzines que recebo por compra ou troca, sem qualquer custo. Também sem custo, incluo no início da seção de divulgação pequenos boxes (3 cm de altura por 7 cm de largura), com mais informações sobre a edição, desde que o editor os envie prontos.

ALEX SAMPAIO

P. São Braz, Conj.02, BLD, ap.03 – Salvador – BA – 40235-430

Sobre os gibis “Carga Pesada”, eu tenho somente os dois primeiros números e não me consta ter sido impressa uma terceira edição. Essas abordagens em ‘Mistérios do Colecionismo’ provam o quanto os quadrinhos são interessantes, pois fatos depois de anos de seu acontecimento ainda nos levantam enigmas e discussões. Se houvesse interesse geral, veríamos o quanto os quadrinhos são importantes para uma sociedade. As histórias em quadrinhos, pelas suas peculiaridades, colaboram na alfabetização, pelo fato de dirigirem indicações que remontam a significados, mesmo sem o conhecimento da palavra escrita. Pela maneira como é demonstrado o ocorrido no quadrinho, é permitido identificar o sentido e, se alguma palavra foi destacada, ela fica registrada, provavelmente, na mente da criança. As onomatopeias servem para diagnosticar sons e também permitem o conhecimento das letras do alfabeto. É mais simples ler um som do que uma palavra no início da alfabetização. É possível “ler” uma história em quadrinhos através das marcas de sons, pela apresentação dos balões, etc. A criação de historinhas é algo que estimula a criatividade, além de ser um trabalho meio prazeroso. Pode-se organizar psicologicamente em função de um dado agrupamento de imagens ou mesmo de um agrupamento de cores. Os quadrinhos, por uma exigência semiótica, impõem uma leitura dinâmica e simultânea. A nossa cultura durante muito tempo se constituiu de livros de ficção, uma leitura silenciosa visual, que era considerada por alguns a verdadeira leitura, onde era preservada a inteligência da época. Instituições, como os conventos, conservavam desde tempos remotos o hábito da leitura solitária. Nesse contexto, os quadrinhos nunca tiveram chance de serem difundidos como cultura. Na verdade, os quadrinhos sempre sofreram preconceito e também uma censura muito negativa. Se um adolescente não gostar de HQ, ele mesmo irá rejeitar. Mas as histórias em quadrinhos devem ficar disponíveis para leitura em Bibliotecas Públicas, Associações de Bairro, Universidades, Salas de Leitura, etc. E nesse contexto, vale dar oportunidade de quadrinização, por parte do governo, de clássicos de nossa literatura. Um jovem poderia rejeitar “Os Lusíadas”, mas isso não desmerece a obra. Porém, poderia gostar de Eça de Queiroz ou Graciliano Ramos. De qualquer forma, tem que estar à disposição dos leitores. Tudo é uma questão de hábito e incentivo. O poder público tem que fazer sua parte e a família também. Enfim, quem não leu ou não lê gíbi, nunca foi criança um dia.

ABELARDO SOUZA

R. Osvaldo Prado, 102 – Mesquita – RJ – 26580-370

Obrigado por teres publicado o poema do meu amigo Jorge. Dei-lhe o “QI” 114. Ele folheou-o e disse-me: – “Abelardo, a minha netinha ficará contente em ler este libretto com a minha poesia”. É, Edgard, pequenas coisas que se tornam “um milhão de coisas”. Que o teu “QI” tenha uma eternidade de publicações.

CLÁUDIO DILLI

R. Santos Dumont, 613 – Pelotas – RS – 96200-380

Antes de mais nada, quero lhe agradecer pela divulgação do meu trabalho como fanzineiro, constante no “QI” 113. Custou, mas saiu a edição nº 14 de “O Quero-Quero”. Nessa edição, notarás que utilizo um pouco da tecnologia informatizada, com a pesquisa de imagens e a utilização de textos também. Procurei seguir um pouco a linha programática de “O Grupo Juvenil” do saudoso Barwinkel, inclusive prosseguindo com matérias do seu zine, como o caso da abordagem das capas da revista “O Anjo”. Espero que esta edição seja do seu agrado, muito embora eu tenha colocado muita coisa sobre minha infância e a nostalgia dos bons filmes que ficaram em minha lembrança (e que os DVDs nos proporcionam agora rever).

Comunicamos com muito pesar o falecimento, ocorrido em 30 de novembro de 2011, do Sr. Osael de Carvalho, escritor e poeta. O grande amigo e o pai querido ficará nas nossas lembranças, pela sua simplicidade, amizade, carisma, pelo bellissimo exemplo de vida, dedicação ao trabalho e pelo grande amor à poesia. Nosso grande amigo completaria 80 anos no dia 8 de fevereiro de 2012.

DEUS E EU

Osael de Carvalho

Deus... eu e Deus...
Minha missão impossível
de arrebatamento total...
Meu EU a vibrar... sou EU...
tão liberto... tão amor...
que viajo em dimensão nova,
ao tempo do meu tempo...
superando distâncias,
antes infinitas demais.
Minha mente extasiante
passa descansadamente...
por uma praia azulada,
onde eu caminho... caminho...
extasiado de amor eterno,
com roupagens flutuantes...
brancas e soltas à brisa
do mar calmo e sereno...
Tenho uma rosa branca,
entrelaçada... docemente...
implantada em minhas mãos.
Minha mente é suave...
Sou um ser perfeito para mim...
Vivo a flutuação da paz...
Sou a vida... o infinito...
Um ser integrado no amor,
no bem sublimado da natureza...
e sinto que nela vejo DEUS...
pois nesta paz interior... PAZ...
Eu vejo DEUS... DEUS...

SÉRGIO LUIZ FRANQUE

R. César Brigatto, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540

Gostaria que você divulgasse esses álbuns no “QI” e que fizesse algum comentário técnico sobre eles. Não quero privilégio algum, só quero um comentário técnico que você, como um “expert”, poderia fazer, pois ele vai refletir sobre a importância dos álbuns. Eu, como colecionador, teria o maior prazer de possuir cada álbum destes. Em breve, eles serão relíquias que poucos terão o privilégio de possuir.

O ponto principal é o que foi mencionado por você. Trata-se de material difícil de conseguir colocado à disposição dos apreciadores. É preciso tomar alguns cuidados. Nos EUA há uma febre de lançamentos de material antigo, então é melhor publicar aqui o que não está saindo por lá. É claro que os livros de lá estão em inglês e você está publicando em português, mas mesmo assim, é melhor não haver duplicação de esforços. E há uma grande quantidade de coisas que não está sendo publicada. Por exemplo, inexplicavelmente, o Tarzan de Russ Manning tanto das tiras como das revistas, está sendo ignorado pelas editoras americanas. O mesmo em relação aos Tarzans de Foster, Hogarth, Bob Lubbers, Celardo. Então há muito material “inédito” que agrada em cheio os fãs brasileiros. E a qualidade gráfica e editorial é importante, você está de parabéns pelos resultados que está conseguindo nas edições atuais. As ilustrações de Jusko e Boris são espetaculares.

2ª Travessa da Rua Nova, 52 – São Luís – MA – 65020-401

Segue para você a edição 4 de “Átomo”. Passei um longo tempo para produzir devido ao tempo, pois divido espaço com duas outras publicações: “Homem-Camaleão” e “War Zone”. E muito em breve surgirão muitos outros trabalhos de minha autoria por aí, é só aguardar!

JOSÉ SALLES

C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970

Melhor ainda saber que você gostou tanto dos gibis, especialmente o da Patrulha do Espaço, como não poderia deixar de ser. Eu particularmente vibrei com a segunda HQ, aquela dos andróides rebeldes. Acho que está destinada a tornar-se um clássico dos Quadrinhos Brasileiros. Realmente, Gedeone, mesmo naquelas difíceis condições finais da vida terrestre, nunca perdeu a valiosa criatividade que marcou sua carreira.

Estou com uma dúvida e creio que você poderia me ajudar. A respeito dos direitos autorais dos personagens, mais especificamente sobre os tais ‘50 anos caiu no domínio público’. Que eu saiba isso só vale para os EUA, ou é apenas mito?

A lei de Direito Autoral no Brasil é de 1998 e trata de obras como textos de ficção ou científicos, pinturas, fotos, peças de teatro, filmes, etc., mas trata-se dos direitos sobre uma obra específica. Neste caso, o Art. 41 diz:

“Os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento, obedecida a ordem sucessória da lei civil.”

Ou seja, no caso específico de um livro ou álbum de HQ, os descendentes são donos da obra até 70 anos após a morte do autor. No caso de personagens, são considerados como marcas e regidos por outra lei, a de Marcas e Patentes, cujo texto eu não conheço. As marcas e patentes têm prazos mais reduzidos e de modo geral é preciso que os direitos sejam renovados (e pagas as taxas, que não são baratas) periodicamente. Por isso, somente personagens que ainda geram lucros têm seus direitos renovados, os demais podem cair em domínio público mais rapidamente. Mas seria preciso consultar a lei específica para saber os detalhes.

ALDO MAES DOS ANJOS

R. Nova Trento, 758 – Brusque – SC – 88353-401

Coloquei no ar um site bem legal com revistas para download: www.revistascartum.com.br.

Estou lhe enviando um texto e algumas imagens, se for possível comunicar esta boa notícia através do “QI”, seria extremamente valioso para mim.



CARLOS GONÇALVES

R. Tomás da Anunciação, 171, 3º Dto – Lisboa – 1350-326 – Portugal

A pessoa da Guia Ebal (www.guiaebal.com) já me contactou. Chama-se Edson Cerqueira e logo que possa vou lhe enviar algumas digitalizações, que ele concordou em receber. Por acaso fui este feriado à outra casa e trouxe algum material que falta lá no site, para digitalizar e enviar à pessoa em questão. Lembra-se de ter falado no “Eureka” nº 1, da possibilidade de haver algumas páginas diferentes de Feiffer? Finalmente encontrei o meu exemplar comprado em Lisboa no dia 1º de outubro de 1974 (por acaso a revista tinha a data a lápis)... as páginas são iguais.

Vejo que está a investir no “QI” muito trabalho e dedicação, o que na verdade aprecio imenso. Lembro-me de quando me dedicava a estas lides, também dediquei muito do meu tempo livre e lúdico a investir no “Boletim do Clube Português de Banda Desenhada”. Neste momento estão publicados 132 números e embora já não mais me dedique à sua criação, ainda me ocupei de 72 números, concebidos e planeados graficamente por mim, além de impressos muitas vezes (ainda em 1977 e anos seguintes) a estêncil e copiógrafo (ainda não havia fotocópias). Todos eles tiveram sempre 20 páginas, de uma maneira geral, em formato A4, mas também houve muitos com 40 e mais páginas. Depois dos finais dos anos 90 desisti e concebi o meu fanzine “O Aventureiro”, do qual publiquei 8 números, um deles com 100 páginas, como sabe. O que às vezes custa um bocado é de nos apercebermos que a maior parte dos leitores, muitas vezes, nem sequer ligam ao trabalho desenvolvido na informação prestada. E passam uma vista de olhos...

Sobre este número do “QI”, gostei da capa (o seu humor de costume), do “Mistérios do Coleccionismo”, eu também só tenho dois números da “Carga Pesada”, obrigado pela conclusão do ‘Tintin em Portugal’, ‘Quadros em Sequência?’, a sua banda desenhada e leio sempre o ‘Fórum’, pois às vezes recolhe-se nele algumas informações úteis. Quanto à ‘Memória do Fanzine Brasileiro’, é um campo à parte, em tudo o que respeita à divulgação da banda desenhada, seja ela de que nacionalidade seja. Devia ser sempre um campo a acarinhar e até a ajudar, pois a carolice que acompanha sempre estes projetos necessita de apoios. Quando me encontrava ligado ao CPBD, comprava sempre todos os fanzines que os moços lançavam em Portugal, de modo a ajudar a sua comercialização e publicação de novos números. É certo que devido a dificuldades financeiras, muitas vezes eles ficavam pelos primeiros números. Hoje já quase não se publicam fanzines, com muitas raras exceções e às vezes com tal qualidade gráfica e de impressão, que temos dificuldades em os classificarmos como tais. Já tenho sido júri de alguns Concursos ao longo dos últimos anos e, neste campo, só temos acesso a dois ou três títulos por ano. Vejo que no Brasil é ainda um género de publicação que possui os seus leitores. Ainda bem, pois é assim, muitas vezes, que surgem novos artistas ligados à 9ª Arte.

ANTONIO ARMANDO AMARO

R. Haia, 185 – São Paulo – SP – 03734-130

Que belo exemplar esse número, a começar com a linda capa, com a joaninha querendo fazer sexo com o cogumelo, assim como os belos artigos do Carlos Gonçalves, ‘Tintin em Portugal’, que beleza de artigo. Gostei do depoimento do Denilson Rosa dos Reis e os desenhos do Benjamin Peppe do Chagas Lima e principalmente da Flávia Andrade. Meus sinceros parabéns à senhora sua mãe pelo texto dirigido às alunas do magistério, a minha esposa também é professora e adorou as palavras da senhora Isa de Faria Guimarães. Também gostei do teu desenho da professorinha com os alunos. Estou te enviando a foto que tiramos na entrega do Prêmio Angelo Agostini. Olhe, o mestre Osvaldo Talo me pediu que lhe mandasse a foto para ele mandar para amigos na Argentina, ele ficou muito contente e me mandou diversos e lindos desenhos com dedicatória. Também vou mandar para a mestra Alda Cabral cópia desta foto e também o “Top! Top!” 26 para ela conhecer melhor um tal Edgard Guimarães. O mestre Osvaldo Talo também fez um desenho com dedicatória para a Alda Cabral, ela vai ficar muito feliz em conhecer a técnica de vocês.



A partir da esquerda, Osvaldo Talo, Antonio Armando Amaro, Márcio Baraldi, o filho de Antonio Amaro, ?, Edgard Guimarães.



Ilustrações de Osvaldo Talo, enviadas a Antonio Armando

Alda Cabral

Embala-me Mãe
 Como fazias outrora
 Afaga-me a cabeça
 Já a branquear
 E vê como me sinto agora
 Depois deste tempo todo
 Que por ti ouso esperar.
 Vem outra vez também
 Como me fazias em criança
 Ó fada da minha infância
 Com teus olhos fulgurantes
 Negros e radiantes
 Que me sabiam sondar.
 Embala-me Mãe
 Mãe passarinho
 Ainda vivo no ninho
 Exausta a tiritar.
 Vem Mãe
 Com tua doçura
 Compreensão e ternura
 Vem outra vez me embalar
 Julgas então que cresci
 E que estou outra vez a brincar.
 Não! Mãe
 Eu não menti
 Pedir-te-ei até ao Fim
 Vem Mãe, conta-me daqueles contos...
 Faz-me outra vez ninar!
 Embala-me Mãe
 Não me deixes acordar!

COMENTÁRIO

No “QI” nº 114, a propósito da carta de Alexandre Yudenitsch, comentei que há uma tendência nos quadrinhos mundiais, em especial no norte-americano, com seguidores nestas paragens, onde o propósito parece pegar o tema mais banal e desenvolvê-lo de forma igualmente banal. No entanto, essa banalidade possui seguidores fervorosos e estas obras encontram guardida das críticas dos jornais, dos blogs etc. A impressão que se tem é que fizeram um acordo para uns valorizarem os outros e ficarem todos em evidência. Yudenitsch lembrou bem que “aí, a gente está entrando num dos pontos centrais de todas as artes desde o século passado”.

De fato, há muito tempo que as artes plásticas vivem neste mundinho de favores recíprocos, artistas e galerias numa relação viciada de auto-promoção, a ponto de, no senso comum, a arte moderna ser sinónimo de enganação. Pelo visto, os expedientes da arte moderna chegaram aos quadrinhos.

Mas o ponto que gostaria de salientar aqui é que este procedimento, como tantos outros no Brasil, tem suas raízes bem profundas no comportamento da sociedade. Ao fazer minha pesquisa para organizar o livro “Escritores de Brazópolis”, lançado no final do ano passado, vasculhei os jornais publicados na cidade desde 1890. E lá num exemplar da década de 1930, o nº 557 do jornal “Brazópolis”, de 27/1/1935, encontrei um texto assinado por Santos Lima, onde o tema do elogio mútuo aparece. Santos Lima era português e chegou ao Rio de Janeiro em 1872, onde viveu até 1879, interessando-se pelas atividades teatrais, onde foi ator, autor até ter sua própria companhia teatral. Fez turnês pela corte, cidades fluminenses, depois percorreu cidades de São Paulo e Minas Gerais. Em 1903 radicou-se em Brasópolis, onde viveu até sua morte, em 1938. Escreveu e produziu dezenas e mais dezenas de peças teatrais e foi redator durante décadas de jornais de Brasópolis. Conhecedor do ambiente cultural do Rio de Janeiro, escreveu o texto abaixo, dedicado a um escritor local, registrando quão antigo é o esquema de favorecimento no Brasil.

QUADRINHOS INSTITUCIONAIS

Alex Sampaio enviou o nº 3 de “Revistinha do Xaxado” e a edição especial “Devotos Mirins” produzida pelo Santuário Nacional de Aparecida. Cosme Custódio enviou o nº 70 de “Pernambuco”, Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado de Pernambuco, que destaca os quadrinhos em várias matérias. Gaspar Eli Severino enviou os nºs 121, 122 e 123 de “Sesinho”, produzida pelo SESI.



MARIO SILVA

Apesar de habitarmos no Rio de Janeiro ao tempo do ajuste feito entre os literatos de 1879, que, convencionalmente concordaram em usar o *elogio mútuo*, a fim de popularizar os nomes dos escritores incipientes da ocasião e do qual tomaram parte muito saliente, entre outros, Filinto de Almeida e Valentim Magalhães, este falecido há bastantes anos e aquele ainda forte e sempre na estacada, como membro proeminente da Academia Brasileira de Letras, não nos achamos dentro daquele quadro, porque não obstante o termos vivido no mundo dos literatos e especialmente dos teatrólogos, acanhamo-nos em retribuir no mesmo tom qualquer elogio que se nos faça, porque, enfim, *nem todos podem ser tudo*, e eu acho-me justamente nestes casos.

O meu distinto companheiro e colega Mario Silva, com a sua invulgar inteligência, e muito mais invulgar inspiração, teve para comigo, no dia dos meus anos, palavras de conforto e generoso elogio. Estamos longe do 79 e o *elogio mútuo* caducou.

Mario Silva, para não fugir à regra geral, faz anos e ele os comemorou no dia 25 deste, exatamente no dia em que sua digna progenitora fazia o mesmo, o que não tem nada de regra geral.

Abstraíndo-me, pois, ou melhor, fugindo à convenção dos literatos de 1879, venho aqui dar-lhe simplesmente parabéns pelo seu aniversário, desejando-lhe saúde e fortuna e os sorrisos sempre amorosos da sua estremeçada Lygia e... disse, embora fuja assim, airoosamente, ao protocolar estilo bizarro.

S. L.

MANTENDO CONTATO



ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

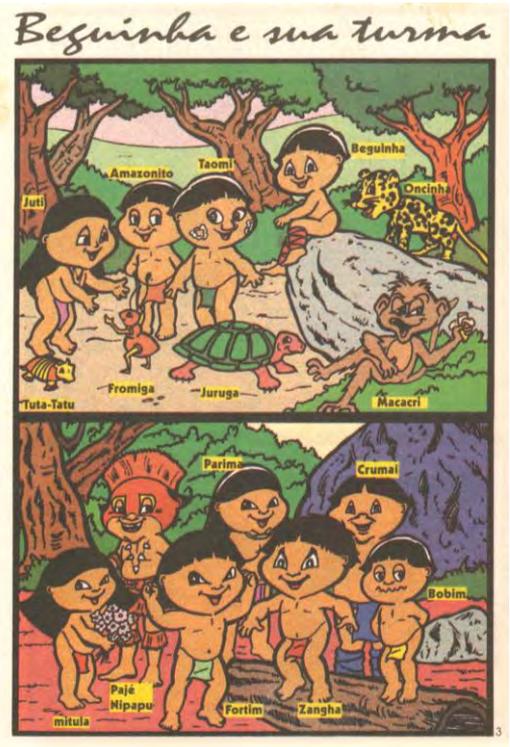
BEGINHA E SUA TURMA

Entre março e maio de 1995, foi lançada a revista “Beguinha e sua Turma”. Na esteira da euforia do Plano Real, muitos se lançaram na aventura de criar seu próprio negócio. Foi o caso de alguns quadrinhistas, que, com algum capital e muita coragem, resolveram publicar seus personagens nas bancas de jornais de todo o país.

Beguinha foi criado por Eduardo Maciel, era um índio menino que vivia numa aldeia amazônica, com as roupas tradicionais dos índios aldeados, cabelos cortados em formato de cuia e que viviam aventuras com uma turminha com a mesma idade. Essa turminha de crianças era composta pelos meninos Beguinha, Amazonito e Taomi, pelas meninas Mitula e Juti e pelos habitantes da floresta: o tatu Tuta-Tatu, a formiga Fromiga, a tartaruga Juruga, o macaco Macacri e a onça Oncinha. Já os adultos da aldeia eram: o cacique Brado, o pajé Nipapu e os pais de Beguinha: Crumai e Parima. Também existia uma turma de garotos rivais comandada por Zangha, com Fortim e Bobim. Os argumentos das histórias sempre giravam em torno da presença, sem muito critério, de produtos eletrônicos e de consumo tipicamente urbanos, que não tinham nenhuma relação com os personagens que se apresentavam seminus em uma aldeia tradicional na Amazônia. É claro que as tribos brasileiras convivem com todos os produtos modernos e consumistas, mas a ambientação das HQs não criava o choque cultural (que poderia ser um bom motivo de piada), mas apenas parecia transportar situações de personagens urbanos para a aldeia. Parecia a turma da Mônica ou da Luluzinha pelados no meio do mato!

“Beguinha e sua Turma” foi publicada pelo Studio A Editora, localizada na cidade de Ribeirão Preto (SP), na Travessa Aracaju, 170. A revista era impressa na Gráfica São Francisco da mesma cidade. A produção era do quadrinhista Eduardo Maciel, que fazia os desenhos, arte-final e roteiros. A equipe

também era composta pelo roteirista Marcos Valério Diamantino e pelo colorista Daniel Antunes. A Editora A era uma iniciativa de Eduardo Maciel Produções, que tinha em sua diretoria Edna Maciel M. A. de Souza, que deve ser a esposa de Eduardo. O formato da revista era 13,5x19cm, com 36 páginas, colorida, papel jornal e lombada canoa. Distribuída pela Fernando Chinaglia, ao que tudo indica a tiragem deveria ser de 30.000 exemplares. O preço: R\$ 1,00.



A seguir, a descrição do conteúdo das três edições publicadas.

Nº 1 – Na segunda capa, Beguinha se apresenta aos leitores. Já na página 3, toda a turma é mostrada. As HQs da revista eram: ‘A Lo(u)cadora’, onde Beguinha era atendente de uma vídeo locadora dentro da aldeia (?!!). E era atormentado pela Turma de Zangha. Uma HQ de uma página sem título com Taomi e Beguinha brincando com o arco e flecha. Em ‘A Bola’, toda a tribo quebrava o pé chutando uma bola de boliche (?!!). Em ‘Deu Bolo’, as meninas Juti e Matula tentam fazer um bolo macio, sem muito sucesso. ‘A Paulada’ mostra como uma pancada na cabeça pode alterar a personalidade do atingido, Beguinha começa a falar em inglês, francês e até chinês pelas cacetadas de Taomi. A Oncinha passa apuros em ‘Sentindo na Pele’, quando toma uma poção do pajé e muda de cor várias vezes. O pajé Nipapu está às voltas com ‘Um Problema Mastodôntico’, quando se transforma num cientista maluco, recriando um dinossauro chamado Bernardino. ‘Só pra Confirmar’ mostra as crianças esperando presentes eletrônicos do Papai Noel. A revista é completada com uma tira na página do expediente e mais dois mini-pôsteres do Beguinha e da Juti.



Nº 2 – Na segunda capa, Beguinha convida empresários a anunciar em sua revista. Na página 3, reapresenta a turminha. As HQs desse número são: ‘Cabo de Guerra’, onde as duas turmas rivais disputam um acirrado cabo de guerra com uma longa corda. Em ‘A Hora da Onça Beber Água’, a Oncinha sofre para matar sua sede, nessa história Beguinha aparece como representante da água engarrafada Pindoya (?!!). Estreia nessa edição o ‘Correio do Beguinha’, em que os personagens convidam os leitores a escrever para a redação.

‘O Ídolo’ mostra um estranho Índio Jones, famoso astro da TV que vai visitar a aldeia e deixa a turminha encantada. Em ‘Esporte Radical’, Beguinha vai à pescaria. Na última HQ, o pajé Nipapu se transforma em ‘O Turista Acidentado’. Ele sai de férias e tenta viajar usando suas poções mágicas. A revista é completada com uma tira e mais dois mini-pôsteres da Oncinha e do Macacri.



Nº 3 – No último número da coleção, que saiu em maio, começa com um mini-pôster da Mitula, mantém a apresentação da turminha na página 3 e segue com a HQ ‘Fórmula Índio’, onde Beguinha e sua turma participam de uma corrida de carrinhos de madeira. Em ‘Pajé pra quê?’, o curandeiro/cientista da tribo oferece seus serviços para os aldeados, mas todos têm eletrodomésticos, equipamentos elétricos ou motorizados. Os pais de Beguinha procuram interessar o filho para a escola através dos espíritos da selva em ‘A Lição’. A revista apresenta cartas de dois leitores e dois passatempos. Na HQ ‘Embananados’, todos os meninos ficam bravos com a sujeira do macaco Macacri. Na última história, Beguinha e Zangha encontram o ser extraterrestre Koizo, do planeta Tudo-Pode, que realiza os mais estranhos desejos, em ‘O Visitante’. A revista é completada com uma tira, um mini-pôster de Taomi e na contra-capas uma propaganda, em forma de passatempo, da Calói.

Quando a editora havia conseguido um anunciante de peso, a revista foi cancelada no terceiro número, mesmo que na página 34 (junto ao expediente) fosse publicada a seguinte frase: “O número 4 está imperdível!! Até lá, pessoal.”. Como a revista durou pouco, não foi possível desenvolver alguns personagens e dois nem apareceram em nenhuma HQ: o tatu Tuta-Tatu e a formiga Fromiga. Certamente o grande mal foi a baixa vendagem, mas creio que os fracassos argumentos também contribuíram para o fim prematuro da revista.

Memória do Fanzine Brasileiro

Depoimento do Editor

JOSÉ VALCIR

Era abril de 1984 quando foi fundada a Produtora Artística de Desenhos e Aventuras. A oficialização da existência do grupo aconteceu em agosto de 1989 no “Suplemento Cultural”, jornal cultural editado pela Companhia Editora de Pernambuco, conhecida como CEPE. Logo após esse acontecimento, o grupo se chamaria Produtora Artística de Desenhistas Associados – PADA.

Na sua formação original, o grupo se compunha de seis pessoas, Marco e Milson Marins, Douglas Campêlo, Jaidelson Maurício de Sousa (segundo o próprio, mera coincidência), André Gomes Torres e Ricardo Alf (que nada entendia de quadrinhos). Após um mês de sua fundação, José Valcir ingressa na PADA e torna-se um dos membros mais atuantes. Waldir Sabino e Arnaldo Luís chegam meses depois. Este último nunca mais se desligou do grupo embora frustrado com os quadrinhos.



A influência direta no início da produtora vinha dos quadrinhos de super-heróis publicados pela Marvel e DC. Mesmo não muito aparente, havia no grupo um sentimento nativista. Como no Capitão América seu uniforme é inspiração direta da bandeira dos Estados Unidos, Marco Marins desenvolveu um personagem em que as cores do uniforme eram as mesmas da bandeira do Brasil. Claro, era possível notar um Homem Aranha ou Cavaleiro da Lua nas açaquês, ou até mesmo o Quarteto Fantástico. O rompimento aconteceu logo após uma entrevista concedida por Lailson de Holanda para o primeiro fanzine de Pernambuco, o “Prismarte”.

Era o primeiro grupo formado com objetivo de produzir quadrinhos em Pernambuco. Oposto às gerações de 1960 e 70, que preocupavam-se mais em trocar revistas em porta de cinema no primeiro momento e, no segundo, competir entre si para a produção de quadrinhos individualmente. Nada concreto numa união de forças.

Enquanto a criação de uma revista não tomava forma, a PADA seguia criando histórias em quadrinhos e tentando manter contatos com editores. Os irmãos Marins produziram uma HQ inédita de 30 páginas, colorida, tamanho 30x40cm e enviaram para uma editora que andava publicando histórias de Spectreman e Mestre Kim desenhada por brasileiros. Um erro. Nunca se soube que destino tomou aquela história. Apenas a certeza que jamais foram devolvidos os originais ou pelo menos uma carta tecendo comentários.

Isso bastou para uma nova tomada de decisão. A PADA produziria sua própria revista. Surgiu a “Prismarte”. A primeira história publicada foi uma ficção científica produzida por Jaidelson chamada ‘Conexão Terra’. O entrevistado foi Lailson, chargista do “Diário de Pernambuco”, depois organizador do Festival Internacional de Humor e Quadrinhos de Pernambuco. E também futuro mentor do grupo. Através dele, a PADA ganhou uma nova direção na linha de produção. Abandonaria os super-heróis e trataria de temas mais relacionados ao país.

Mas não foi somente nesse ponto que influenciou o grupo. Através dele veio o debate no “Suplemento Cultural”.

O grupo foi pioneiro nas exposições sobre Histórias em Quadrinhos em Pernambuco, uma na Biblioteca Pública Castello Branco e outra na Universidade Federal de Pernambuco. Foi o grande momento do grupo. A mídia e o público fizeram-se presentes, mas o amadorismo de quem nunca fez algo assim não permitiu alçar mais longe. Mesmo assim, o fanzine “Prismarte” chegava ao seu sexto número aspirando competir no mercado com as grandes editoras.

Era hora de partir para a revista. Nesse tempo surgiram novos integrantes. Marcelo Schmitz e Eusébio Muñoz chegaram prontos com uma HQ e um personagem. Alexandre de Freitas com mil ideias na cabeça. Marcos Lopes e Jorge Luís querendo produzir. A PADA chegou a ter mais de vinte componentes, no entanto, poucos se mantiveram.

Na primeira edição da revista “Prismarte”, publicou-se a adaptação da HQ ‘Conexão Terra’ de Jaidelson de Sousa. Foram editados do número 1 ao 5, mil exemplares de cada um. A revista tinha 30 páginas e sonhava conquistar seu lugar ao sol. Esbarrou com problemas do preço do papel, gráfica e a distribuição feita pelo próprio pessoal da PADA. Chegou até a ser vendida nos sinais da cidade nos finais de semana, devido à pouca venda em banca. O público leitor da revista era mais de outros estados, como São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e por aí vai. Quando da última edição da revista, a nº 5, chegou uma única carta de uma garota do interior de Pernambuco. Algo que surpreendeu a todos. Embora se tenha conhecido leitores da revista fiéis, isso não refletia na vendagem.

Buscando meios para mudar essa situação, ainda se produziu uma segunda revista. A “Croquis” surgia para ser a antítese da “Prismarte”. Ela estaria focada na ficção científica e no fantástico. Saiu apenas um número. André Gomes e Alexandre de Freitas foram seus editores.

Um ponto a ser observado. Quem produz jamais deve se envolver com questões administrativas. No caso, um administrador sensível ao mercado e capaz de gerar recursos para produção de novas revistas.

Isso não acontecia na produtora, pois quem produzia também era responsável pelo marketing, confecção da revista, seleção das histórias e geração das ideias para venda do produto. Outro ponto importante para o fim de um sonho tenha sido a saída da adolescência para a vida adulta. As aspirações de grupo agora se chocavam com as realizações pessoais que cada um sentia e a cobrança dos pais por resultados mais práticos, um cheque mate na vida de cada um.

A Produtora Artística de Desenhistas Associados chegou a confeccionar a edição nº 6 da “Prismarte” e o “Croquis” reuniu material para a próxima edição. Parou aí.

Foram dez anos de um sonho. Ainda se passa na cabeça de cada um daquele momento debruçado sobre a prancheta na criação do mundo. Lá dentro ainda manifesta o desejo de um retorno. Quem sabe um dia.

Nota: A PADA parou de publicar a revista “Prismarte” em 1993 e ficou cerca de 10 anos sem uma publicação regular. Em janeiro de 2003, no entanto, começou uma nova série de “Prismarte” que ultrapassou o número 55 em 2011.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

A maioria das publicações da PADA teve formato meio ofício 2 ou A5 com impressão em xerox. As revistas “Prismarte” e “Croquis” tiveram impressão em off-set, capa colorida e alguns números de “Prismarte” saíram no formato americano.

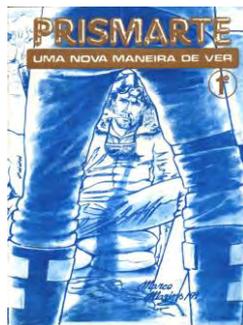
- “Prismarte” (1/2 of.2, 20 a 24 pág.): 1 (1989) a 5 (1990).
- “Croquis” (1/2 of.2, 40 pág.): 1 (1989) a 3 (1991).



- “Prismarte Especial” (1/2 of.2, 40 pág.): s/nº (1990).
- “Prismarte Extra – Operação Vascalos” (1/2 of.2, 36 pág.): 1 (jun/1990).



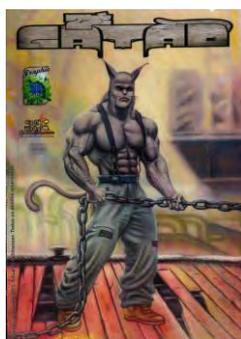
- “Prismarte” (1/2 of.2 e f. amer., 32 a 40 pág.): 1 (1991) a 5 (mai/1993) – revista em off-set.
- “Croquis” (A5, 40 pág.): 0 (1993) – revista em off-set.



- “O Minotauro” (1/2 of.2, 8 pág.): 1 (1998) a 3.
- “Prismarte” (A5, 28 a 52 pág.): 1 (jan/2003) a 55 (fev/2011).



- “O Humor do Minotauro” (1/3 A4, 58 pág.): 1 (mai/2004).
- “Prismarte Especial – Guerra nas Estrelas” (A5, 32 pág.): s/nº (jul/2005).
- “Do Além” (A5, 60 pág.): 1 (nov/2010).
- “Graphic PADA – Zê Gatão” (A4, 58 pág.): 1 (jul/2011).



Entre 1998 e 2000, surgiram outros grupos de quadrinhistas em Pernambuco, com destaque para o Movimento Pernambucano de Quadrinhos, com participação de alguns membros da PADA. O Movimento publicou:

- “Comando Magazine” (A5, 12 pág.): 1 (fev/1998), 2 (1998).
- “Comando Magazine” (A5, 8 pág.): 1 (set/98).
- “Agakê” (A5): 1 (1998) a 4 (2000).
- “Marco Zero” (A5, 40 pág.): 1 (mai/1999), 2.
- “Boletim MPQ” (A5): 1 (1999), 2 (2000).
- “Zero” (A5, 52 pág.): 1.

Um exemplo da vitalidade da PADA foi sua participação no álbum “Eco Lógico” que comecei a organizar em 1989. O grupo enviou imediatamente, para participar do projeto, 8 HQs produzidas por dez de seus membros.

EDIÇÕES INDEPENDENTES

ICFIRE
89



ICFIRE - 89
NESTA EDIÇÃO, UMA AVENTURA BACANA COM ICFIRE E VERMELHA, DA EQUIPE CORES PRIMÁRIAS. POR CHAGAS LIMA. IMPERDÍVEL. CARTAS E E-MAILS.
24 PÁG. A5. CAPA COR. R\$ 4, OU SELOS, OU TROÇA. MAI/2012.
CHAGAS LIMA. R. MIRIAM COELI, 1737, LAGOA NOVA. 59054-440. NATAL/RN.

ICFIRE
90



ICFIRE - 90
NESTA EDIÇÃO, REAPRESENTAÇÃO DO SUPERCROSSOVER ENTRE ICFIRE, BRASÃO VERDE, VULTO, REAÇÃO E HOMEM-CAMALEÃO. PRA QUEM PERDEU. POR CHAGAS LIMA. CARTAS E E-MAILS.
24 PÁG. A5. CAPA COR. R\$ 4, OU SELOS, OU TROÇA. JUN/2012.
CHAGAS LIMA. R. MIRIAM COELI, 1737, LAGOA NOVA. 59054-440. NATAL/RN.

QUADRINHOS

ÁLBUM TARZAN * n° 19 * 2012 * 104 pág. * 180x270mm * capa color. * R\$ 70,00 * **Sérgio Luiz Franque** – R. César Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.

ÁTOMO * n° 4 * abr/2012 * 20 pág. * A5 * **Ricelle Sullivan Suad** – 2ª Travessa da Rua Nova, 52 – Cambaia – São Luís – MA – 65020-401.

BRUSQUE ONTEM * vol. V * mai/2012 * 28 pág. * A5 * color. * **Aldo Maes dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

CARTUM * n° 69 * abr/2012 * 28 pág. * A5 * color. * R\$ 50,00 (assinatura anual) * **Aldo Maes dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

CARTUM * n° 70 * mai/2012 * 28 pág. * A5 * color. * R\$ 50,00 (assinatura anual) * **Aldo Maes dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

FANZINE DO GRUPO QUADRANTE SUL * n° 6 * mai/2012 * 12 pág. * A5 * R\$ 2,00 * **Denilson Reis** - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

FANZINE DO GRUPO QUADRANTE SUL * n° 7 * mai/2012 * 8 pág. * A5 * R\$ 2,00 * **Denilson Reis** - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

FRIGOBA! * n° 0 * mai/2012 * 20 pág. * A6 * **Eduardo Vieira** – QNL 03, Bloco I, casa 04 – Taguatinga – DF – 72150-319.

HOMEM-CAMALEÃO * n° 11 * mai/2012 * 16 pág. * A5 * capa color. * R\$ 2,00 * **Ricelle Sullivan Suad** – 2ª Travessa da Rua Nova, 52 – Cambaia – São Luís – MA – 65020-401.

ICFIRE * n° 89 * mai/2012 * 20 pág. * A5 * capa color. * R\$ 4,00 * **Chagas Lima** – R. Miriam Coeli, 1737 – Lagoa Nova – Natal – RN – 59054-440.

ICFIRE * n° 90 * jun/2012 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 6,00 * **Chagas Lima** – R. Miriam Coeli, 1737 – Lagoa Nova – Natal – RN – 59054-440.

JORNAL GRAPHIQ * n° 62 * mar/2012 * 16 pág. * 280x320mm * R\$ 4,00 * **Mário Latino** – C.P. 213 – Suzano – SP – 08675-970.

JORNAL GRAPHIQ * n° 63 * abr/2012 * 16 pág. * 280x320mm * capa color. * R\$ 4,00 * **Mário Latino** – C.P. 213 – Suzano – SP – 08675-970.

KRAHOMIM * n° 4 * mar/2012 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

LEITOR VIP * n° 18 * abr/2012 * 16 pág. * A5 * **Aldo dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

METEORO COMICS * n° 3 * abr/2012 * 36 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

MOCINHOS & BANDIDOS * n° 102 * jun/2012 * 44 pág. * A4 * capa color. * R\$ 45,00 (ass. 4 n°s) * **Diamantino da Silva** - R. Prof. José Horacio M. Teixeira, 538, B.4, ap.54 - São Paulo - SP - 05640-903.

OMI * n° 89 * mai/2012 * 20 pág. * A5 * **Gerd Bonau** – Berliner Strabe 9 – Rendsburg – 24768 – Alemanha.

PURE FRUIT * n° 3 * 2012 * 60 pág. * A5 * color. * a/c **Gerd Bonau** – Berliner Strabe 9 – Rendsburg – 24768 – Alemanha.

O QUERO-QUERO * n° 14 * fev/2012 * 42 pág. * A4 * capa color. * R\$ 15,00 * **Cláudio Dilli** – R. Santos Dumont, 613 – Pelotas – RS – 96020-380.

RAIO NEGRO * n° 14 * abr/2012 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

SENPAKU * n° 1 * mai/2012 * 28 pág. * A5 * R\$ 3,00 * **Alex Rogério Veronez** – R. Dr. Pedro Raimundo, 329 – Vila Carmen – São Carlos – SP – 13575-470.

SUBTERRÂNEO * n° 47 * mai/2011 * A6 – folha A4 dobrada * **Marcos Veneslau** – Av. Assaré, 20 – V. Sabaará – São Paulo – SP – 04446-060 – subterraneo.zine@gmail.com.

TURMA DO GABI * n° 5 * mar/2012 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

VELTA 2012 – As Primeiras Aventuras * jan/2012 * 72 pág. * 150x215mm * capa color. * R\$ 16,00 * **Emir Ribeiro** – C.P. 3535 – João Pessoa – 58037-970.

OUTROS ASSUNTOS

O CAPITAL * n° 213 * mar/2012 * 16 pág. * A4 * **Ilma Fontes** – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

O CAPITAL * n° 214 * abr/2012 * 16 pág. * A4 * **Ilma Fontes** – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

ESSÊNCIA POÉTICA * n° 5 * mar/2012 * 8 pág. * A6 * **Denilson Reis** - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

JORNAL DO SÁBIO * nº 398 * 2012 * 1 pág. * A4 *
 Antônio Fernando de Andrade - R. D. João Moura, 305 - Engenho
 do Meio - Recife - PE - 50730-030.

JUVENATRIX * nº 134 * abr/2012 * 31 pág. * arquivo pdf
 via e-mail * Renato Rosatti – renatorosatti@yahoo.com.br.

JUVENATRIX * nº 135 * mai/2012 * 17 pág. * arquivo pdf
 via e-mail * Renato Rosatti – renatorosatti@yahoo.com.br.

LITERATURA, POESIA e MÚSICA

**BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E
 NUMISMÁTICA DE BRASÍLIA** * nº 73 - C.P. 500 - Ag. W3 - 508
 Sul - Brasília - DF - 70359-970.

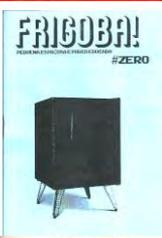
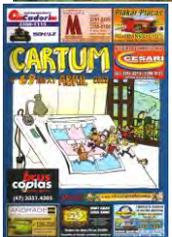
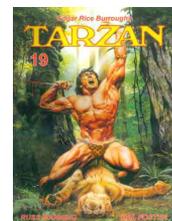
COTIPORÁ CULTURAL * nº 40 * Adão Wons – R. Marciólio
 Dias, 253 – Térreo – Cotiporã – RS – 95335-000.

O GARIMPO * nº 83 * Cosme Custódio da Silva – R. dos
 Bandeirantes, 841/301 – Matatu – Salvador – BA – 40260-001.

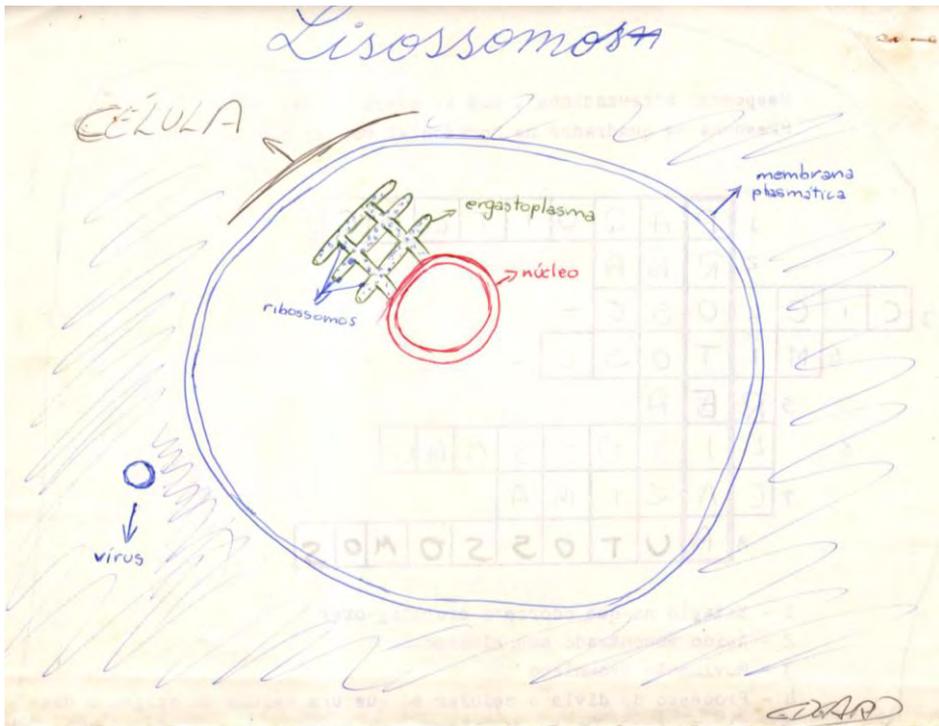
L'ATMOSFERE * nº 4 * Denilson Reis – R. Gaspar Martins, 93
 – Alvorada – RS – 94820-380.

VIDA E PAZ * nº 153 * Mauro Sousa – C.P. 2030 – Santos – SP
 – 11060-970.

GALERIA DE CAPAS



Lisossomos



... que estão uma membrana plasmática e um vírus!

Ao ver o vírus...

... que lançará os ribossomos na célula...

Este é o ergastoplasma...

Os ribossomos, que são enzimas, digerem e quebram o vírus...

formando o vacúolo digestivo...

... trazendo-o para dentro da célula num Saço, como através de um processo chamado fagocitose...

formando o grão de estoque!

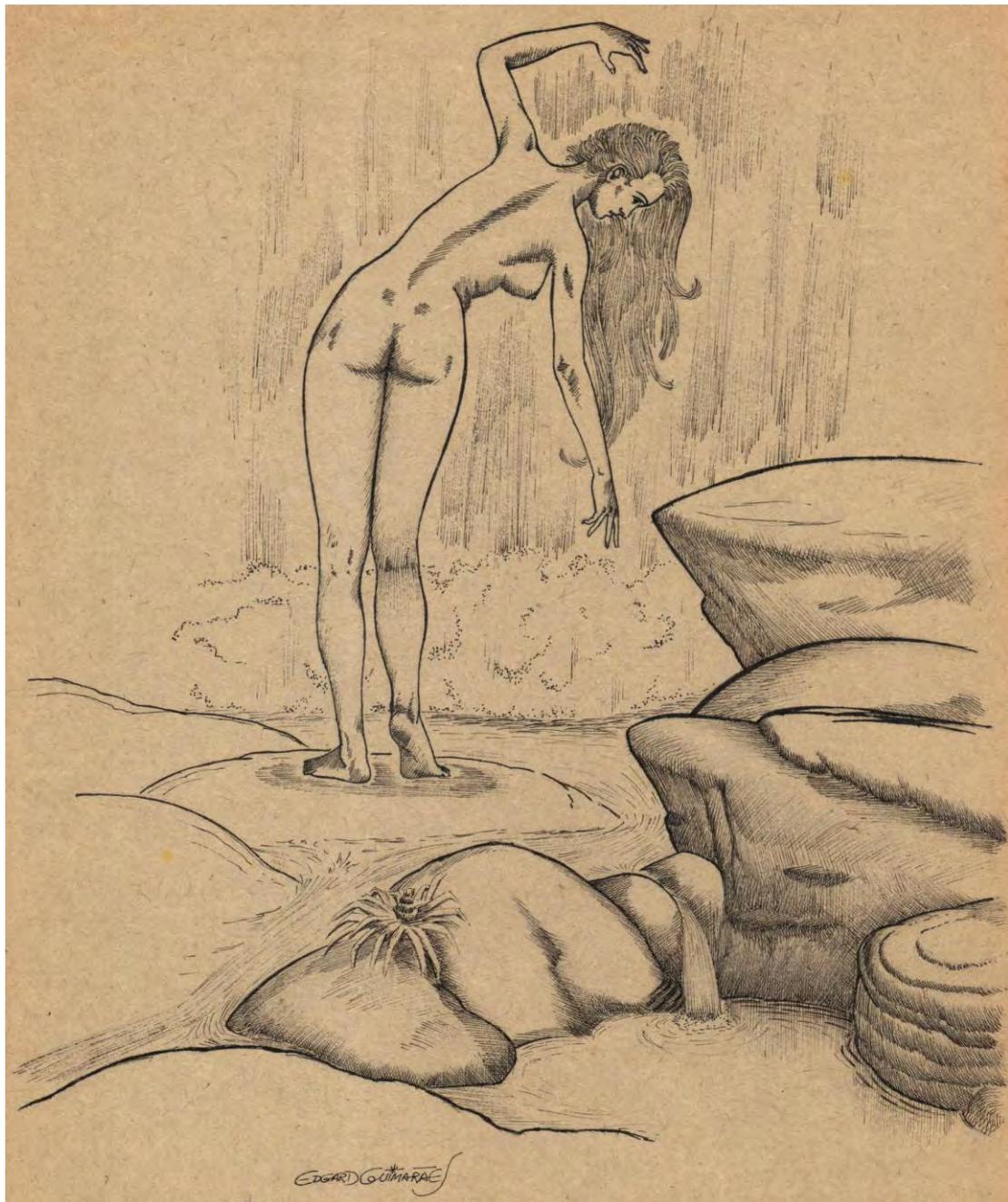
As partes aproveitáveis são distribuídas na célula...

... e as partes inaproveitáveis são jogadas fora da célula...

O grão de estoque vai juntar-se ao Saço e forma o lisossomo!

FIM

História em Quadrinhos feita no verso de uma apostila de Biologia, por volta de 1975, ilustrando um dos temas estudados.



Do Fundo do Baú.

QUANDO SEU TIO
SOUBE QUE HAVIA
CINCO EMBRIÕES VIÁVEIS,
ELE NOS MANDOU UM
DE SEUS CIENTISTAS...



... COM UMA "VACINA" QUE
DEVERIA SER APLICADA
NA SUA IRMÃ...



NÓS INVENTAMOS UM
PRETEXTO E FIZEMOS
A APLICAÇÃO.



E QUAL ERA O
PROPÓSITO DA "VACINA" ?



PELO QUE NOS FOI
DITO, ELA IMPEDIRIA
O DESENVOLVIMENTO
DOS EMBRIÕES...



... QUE NÃO TIVESSEM
OS GENES DE SEU TIO...



UMA VACINA DE
ABORTO SELETIVO!



ESTE TIPO DE PESQUISA
FOI TERMINANTEMENTE
PROIBIDO PELO GOVERNO...



NÃO SEI POR QUÊ. A
PROIBIÇÃO DO HOMICÍDIO
EM GERAL DEVERIA
ABRANGER TODAS AS
SUAS MODALIDADES.



SE A "VACINA" DE VIA
POUPAR APENAS DOIS
EMBRIÕES...



POR QUE EU TENHO
TRÊS SOBRINHOS?



POR ALGUMA RAZÃO, UM
DOS EMBRIÕES DOS DOADORES
ANÔNIMOS CONSEGUIU
SOBREVIVER...



POR ISSO ELE NÃO FOI
MORTO PELAS "CAÇADORAS
DE MITOCÔNDRIAS"...



A BATALHA QUE TRAVOU
PARA SOBREVIVER ENQUANTO
AINDA ERA EMBRIÃO...



... O DEIXOU IMUNIZADO
"A BACTÉRIA LETAL"...



SOBREVIVER AO PRIMEIRO
ATENTADO O SALVOU
DO SEGUNDO.



PARDAL, ME TRAGA UMA
50% PRONTA ENTREGA.



ENTÃO, PARECE NÃO
HAVER DÚVIDA DE
QUE VOCÊ MATOU...







POR QUANTO TEMPO
VOCÊ ACHA QUE
CONSEGUIRIA ME DETER?



OS SEGUNDOS DE QUE
ELE PRECISAR.



O QUE FOI ISSO?



INJETEI UM VÍRUS
QUE É LETAL EM
50% DOS CASOS...



EU LHE DEI UMA CHANCE
DE SOBREVIVÊNCIA MUITO
MAIOR DO QUE VOCÊ DEU
AOS MEUS SOBRINHOS.



VOCÊ SABE O RISCO QUE
CORREU SE COLOCANDO
NO MEU CAMINHO,
NÃO SABE?



VOCÊ JÁ DEVE TER
OUVIDO A HISTÓRIA,
MAS NÃO DEU ATENÇÃO
A ALGUNS DETALHES...



QUANDO NOS MANDARAM
FAZER AQUELE SERVIÇO
NO OÁSIS, NÃO ERA PARA
NINGUÉM VOLTAR VIVO.